

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS**

**Eloi Andre Trinks**

**LEITURA DE PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM À LUZ DA TEORIA  
EXISTENCIALISTA DE JEAN PAUL SARTRE**

**Porto Alegre**

**2016**

**LEITURA DE PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM À LUZ DA TEORIA  
EXISTENCIALISTA DE JEAN PAUL SARTRE**

**Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial à  
obtenção do título de Licenciatura em  
Letras pela Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul.**

**Orientadora: Prof. Dra. Cinara  
Ferreira Pavani**

**Porto Alegre**

**2016**

À memória dos meus pais Arnaldo e Eleonora  
Trinks, os quais amarei por toda minha vida.

## **Agradecimentos**

Ao final de um grande desafio nos sentimos muito realizados e felizes. Lembramos de todos aqueles que contribuíram para que alcançássemos êxito nessa jornada. Nesse momento de júbilo não posso deixar de reconhecer meus pais, já falecidos, como protagonistas e exemplos para minha formação como pessoa humana; meus dez irmãos que, junto comigo conviveram e proporcionaram muitos momentos de aprendizagem; às minhas filhas que compreenderam a minha ausência nesses anos de dedicação ao curso; à minha esposa Sandra pelas palavras de estímulo e conforto que, em muitos momentos, proporcionaram paz ao meu espírito; ao Exército Brasileiro que consolidou meu caráter e disciplina; aos professores do curso de letras que ajudaram a edificar meus conhecimentos sobre a nossa língua e literatura. Finalmente à professora Cinara pelas orientações seguras e oportunas para que eu conseguisse produzir e concluir esse trabalho.

## Resumo

Este trabalho consiste no estudo da obra *Perto do coração selvagem*, de Clarice Lispector, à luz de conceitos da teoria existencialista de Jean Paul Sartre. Para realizar a análise, inicialmente, propõe-se o estudo de aspectos bibliográficos sobre Clarice Lispector, que se destaca na literatura brasileira por seu estilo singular de composição, priorizando dar destaque às sensações dos protagonistas em detrimento de enredos lineares, além de adotar uma temática de cunho introspectivo e existencialista. Depois pretende-se empreender uma análise de sua obra como um todo, bem como do livro *Perto do coração selvagem*, especificamente. Na sequência, apresenta-se comentários críticos sobre o livro de Lispector, e descreve-se de forma breve a evolução histórica da teoria existencialista a partir de Franz Brentano, passando por Husserl e Heidegger até culminar em Sartre com sua obra magna *O ser e o nada*. Por fim, propõe-se a estabelecer a aproximação entre a teoria existencialista de Sartre com as propostas da obra de Clarice Lispector.

**Palavras-chave:** Clarice Lispector. *Perto do coração selvagem*. Jean Paul Sartre. Teoria Existencialista. Temática intimista.

## Abstract

This research studies Clarice Lispector's work of literature *Perto do coração selvagem*, pursuant to Jean Paul Sartre's existentialist theory. In order to undertake the assessment, initially, we suggest the study of Clarice Lispector's bibliography, which we deem distinctive within Brazilian Literature for her original style that prioritizes leading characters feelings rather than linear plots and also adopts an introspective and existentialist facet. After we assessed her literary works as a whole, specially the book *Perto do coração selvagem*. Following we present critical comments over the books of the author and we present a brief description of the existentialist theory historical evolution based on Fraz Brentano, Husserl, Heidegger up to Jean Paul Sartre and his most important work "O ser e o nada". Finally, we propose to establish a convergence between existentialistic theory from Sartre to Lispector's first novel ideas.

**Key words:** Clarice Lispector. *Perto do Coração selvagem*. Jean Paul Sartre. Existentialist theory. Intimate theme.

## Sumário

<b>1. Introdução</b> .....	7
<b>2. O existencialismo</b> .....	9
2.1. Breve histórico.....	9
2.2. Sobre a consciência e suas dimensões .....	14
2.3. A liberdade e suas implicações .....	18
2.4. Inautenticidade .....	21
<b>3. Clarice Lispector</b> .....	23
<b>4. A obra de Clarice</b> .....	33
<b>5. Perto do coração selvagem</b> .....	43
<b>6. Crítica sobre a obra</b> .....	49
<b>7. Leitura de Perto do coração selvagem a luz do existencialismo</b> .....	54
<b>Considerações finais</b> .....	70
<b>Referências</b> .....	72

## 1. Introdução

O estudo a ser desenvolvido no presente trabalho está centrado na análise comparativa entre a obra *Perto do coração selvagem* de Clarice Lispector e a teoria existencialista do filósofo francês Jean Paul Sartre. As duas obras que servirão de referência ao desenvolvimento das atividades foram publicadas na década de 1940, sendo a do filósofo Jean Paul Sartre na França e *Perto do coração selvagem* no Brasil. O principal fato histórico de amplitude mundial que ocorria no período, foi a Segunda Grande Guerra. A França estava ocupada pela Alemanha quando Sartre escrevia seu livro e havia um disseminado pessimismo gerado pelo ambiente hostil da guerra e revisão de valores vivenciais. No Brasil, que também sentiu os efeitos do evento bélico internacional, mas com menor afetação, vigia o regime político autoritário conhecido como Estado Novo no governo Getúlio Vargas e a economia fundamentada pela produção agrária dos latifúndios. A literatura nacional se fundamentava na crítica às injustiças sociais impostas pelo sistema patriarcal rural da economia vigente, por obras predominantemente realistas. Na temática do livro de Clarice Lispector predomina a introspecção alinhada ao pensamento europeu e o universo feminino como forma de crítica e com objetivo de mobilização para valorização da mulher. O propósito que ensejo auferir com o presente trabalho é estabelecer, pela análise comparativa, a convergência entre a teoria existencial de Sartre com a linha filosófica introspectiva da obra de Clarice Lispector. Julgo procedente como justificativa para o desenvolvimento desse estudo analítico, o impacto provocado por essas duas obras que causaram ruptura no pensamento predominante tanto na Europa com Sartre como no Brasil com a obra inovadora de Lispector. Inicialmente a atenção será dedicada a evolução histórica da teoria existencialista culminando com o filósofo francês Jean Paul Sartre a partir de um artigo escrito pelo filósofo inglês Anthony

Kenny. Na sequência será abordado o histórico da vida da escritora e fatores que podem ter contribuído para sua obra. Para essa tarefa a fonte de pesquisa principal é a biografia *Clarice*, elaborada por Benjamin Moser, entre outras fontes. Numa segunda etapa, será analisada, de forma geral, a obra geral de Clarice, sendo de fundamental importância para essa etapa, o livro *A Ficção de Clarice – nas fronteiras do impossível* organizado por Rita Terezinha Schmidt contendo artigos produzidos sobre a obra da autora; *O drama da linguagem*, de Benedito Nunes e a própria *Biografia Clarice*, de Benjamin Moser. Na sequência, a atenção será voltada ao livro *Perto do coração selvagem* com análise interpretativa da sua temática, narrativa, personagens estrutura e repercussão, a partir da própria obra como fonte principal, mas com auxílio de outros estudos. O passo seguinte será uma pesquisa sobre a visão e interpretação dos principais críticos literários sobre a trama, tendo como referência um dos principais estudiosos da nossa produção literária, Antônio Cândido, e também Sérgio Milliet. O último e essencial capítulo será destinado ao estudo analítico comparativo, objetivo maior desse trabalho.

## 2. O existencialismo

### 2.1. Breve histórico<sup>1</sup>

Será primeiramente percorrido com brevidade o caminho dessa filosofia, para uma melhor ambientação com o tema. Inicialmente com Franz Brentano e seguindo por Edmund Husserl, Martin Heidegger até chegar ao filósofo francês Jean Paul Sartre.

A filosofia existencialista teve seu despertar nos estudos do pensador alemão Franz Brentano (1838-1917), um ex-sacerdote e acadêmico erudito, que buscou estabelecer uma conexão comparativa entre a filosofia da mente de Aristóteles com a investigação empírica contemporânea na obra *A Psicologia de um Ponto de Vista Empírico* (1874). Pela sua teoria filosófica, a consciência compreende dois tipos de fenômenos: os físicos e os mentais. Seu legado mais importante está relacionado aos mentais. Segundo o pensador alemão, os pensamentos possuem um conteúdo nativo, interno. Esse objeto mental imanente possui como característica fundamental a intencionalidade, que carrega o segredo principal dos atos da mente dos homens.

Brentano influenciou o filósofo alemão Edmund Husserl (1859-1938), que junto com Sigmund Freud procurava apresentar ao mundo o primeiro estudo genuinamente científico sobre a mente humana. No entanto seus objetivos foram barrados pelo antissemitismo nazista. Freud foi forçado a deixar a Áustria e faleceu no exílio e Husserl teve seus livros incinerados pelos alemães em Praga.

Husserl cooptou e aproveitou em sua filosofia de estudo da mente, o fenômeno da intencionalidade pregado por Brentano. A principal característica da consciência é

---

<sup>1</sup> A principal fonte de consulta desse capítulo é um artigo de ANTHONY KENNY *Husserl, Heidegger e Sartre, de 2011*.

a de dirigir-se a um objeto. Além disso, segundo o filósofo, todo pensamento deve ter um pensamento e um possuidor. A partir dele foi introduzida a expressão fenomenologia, que estudava os dados imediatos da consciência. “Ao objeto que é apresentado e dado a minha consciência, não traz qualquer diferença essencial o fato de existir, ser fictício, ou até mesmo ser completamente absurdo” (KENNY, 2011) .

Para Husserl, a percepção imanente é o contato atual com os próprios atos e estados mentais do momento. A percepção transcendente é aquela dos atos do passado, de fatos e ocorrências físicas, e do que existe na mente dos outros. A percepção imanente, segundo ele, é a matéria do estudo da fenomenologia. A posição derradeira de Husserl estabelecia que o idealismo transcendental era inseparável da fenomenologia.

O existencialismo teve sequência em seu estudo por meio de outro filósofo alemão, Martin Heidegger (1889-1976). Heidegger havia sido aluno de Husserl. Em 1927 publica o *O Ser e o Tempo*, que mais tarde viria a inspirar a obra clássica *O Ser e o Nada* de Jean Paul Sartre. Heidegger introduziu na sua teoria os termos Sujeito, objeto, ação e conteúdo. O pensador afirmava que Husserl apenas considerou a consciência na sua fenomenologia, desconsiderando o estudo da realidade.

Heidegger considerava de fundamental relevância estudar o conceito de Ser, que segundo ele, era anterior a divisão entre consciência e realidade. Um dos termos que marcaram a filosofia de Heidegger é *Dasein* cujo significado é “ser-no-mundo” e pensar é uma das formas de interagir com o mundo; atuar e agir sobre ele são de importância equivalente a pensar sobre ele. *O Dasein é estar em cuidado com (besorgen)* (KENNY, 2011). *O Dasein não é uma res cogitans, mas uma res curans*: não uma coisa pensante, mais que isso, que se preocupa. Se o homem tiver

interesse e cuidado com o mundo, ele fará perguntas e dará respostas o que se firmará como conhecimento.

Os seres humanos, desde que nascem, são elementos no mundo, seres entre os outros seres, aos quais o homem age e reage. No entanto, não é necessário que essas atitudes sejam comandadas pela consciência. Somente quando as ações espontâneas não operam é que temos consciência do que estamos fazendo.

Ao mesmo tempo que o *Dasein* se desencadeia num ambiente biológico, cultural e social, não é possível afirmar que há uma regra determinada que explica a atividade humana individual. Para Heidegger, o que singulariza o *Dasein* é sua existência. Após essa declaração, Heidegger passou a ser considerado o “pai” do existencialismo.

O Pensamento que resume essa teoria é “aquilo que, livremente escolho ser, é o que eu sou”. Ao tentar se abster dessa liberdade de escolha, o homem está sendo inautêntico, está traindo seu *Dasein*.

Após Heidegger, o existencialismo passaria a ter como novo protagonista, o filósofo francês Jean Paul Sartre (1905-1980). Aluno de Heidegger, mesmo que por pouco tempo, seu existencialismo foi marcado por um pendor de esquerda, contrariamente ao de Heidegger, que nutria simpatia pelo regime nazista. Foi entre 1933 e 1935 em Berlim e Friburgo, na Alemanha que Sartre começou a esboçar traços do que viria a ser sua filosofia existencialista. Antes da Segunda Grande Guerra Mundial já havia publicado três ensaios sobre a mente humana de matriz fenomenológica.

Tanto Sartre, como Heidegger consideravam que Husserl não estudara a mente com profundidade quando a considerava apenas *res cogitans*, uma coisa pensante. De acordo com os dois filósofos, quando alguém ouve ou vê algo, ele não

tem pensamento de si mesmo, mas transpõe sua consciência ao objeto, ou seja, ele, aquele que raciocina, está externo a consciência, pertencendo assim ao mundo transcendente.

Ao se posicionar sobre as emoções, Sartre comenta que ao se sentir uma emoção, não ocorre uma absorção passiva pela mente, mas uma maneira particular de apreensão do mundo. Ao sentir ódio de alguém, o homem tem consciência de que essa pessoa é odiosa.

As publicações de Sartre de antes da Guerra são de inspiração husserliana. Já, sua obra magna *O Ser e o Nada*, apresentado em 1943, em pleno transcurso da Segunda Grande Guerra Mundial, carrega as marcas de Heidegger, o que pode ser percebido ao primeiro contato pelo título, *O Ser e o Tempo* de Heidegger.

Alguns anos depois da publicação de *O ser e o nada*, Sartre apresenta em uma forma mais abreviada e menos erudita os seus trabalhos em *O existencialismo é um Humanismo* (1946), no qual concede explicações para as críticas do catolicismo e marxismo que argumentam ser sua filosofia pessimista e inanista.

A França vivia a experiência da ocupação alemã, reinava um clima de pessimismo, de descrença nos valores tradicionais que norteavam a vida. Sartre, como estudioso da mente humana, e acompanhando o cotidiano das pessoas, edificou sua impressão sobre as ações humanas e sua mente, sob um prisma revolucionário. Nesse tratado, o âmago pode ser resumido com a seguinte e clássica expressão “a existência precede a essência”, em outras palavras, que o homem nasce como um ser humano livre de influências, indeterminado, e percorre livre a sua trajetória de vida. Ele está “condenado a ser livre” e assim deve construir sua história existencial.

Estruturas fundamentais do ser humano como consciência, e suas raízes subjetivas, o corpo, a liberdade, o outro, a temporalidade, a má-fé, a angústia, podem ser destacados na obra traduzida de 765 páginas.

O *Dicionário Básico de filosofia* de Hilton Japiassú e Danilo Marcondes conceitua o Existencialismo: (Fr. *existencialisme*) Filosofia contemporânea segundo a qual, no homem, a existência, que se identifica com sua liberdade, precede a essência: por isso, desde nosso nascimento, somos lançados e abandonados no mundo, sem apoio e sem referência a valores; somos nós que devemos criar nossos valores através de nossa própria liberdade e sob nossa própria responsabilidade.

O *Ser e o nada* foi um divisor de águas no estudo da filosofia, além de fixar os pilares da Psicologia Existencial, influenciou decisivamente várias gerações e diversas áreas do saber contemporâneo.

A obra existencialista de Sartre causou polêmica e espanto aos críticos, cultuada por uns e visto negativamente por outros, destacou-se pela originalidade contestadora e transgressora das verdades sacralizadas pela tradição. Sartre estudou a existência por uma visão não contemplada até então. O filósofo consolidou suas conclusões a partir de uma análise minuciosa da realidade humana. A leitura da filosofia do pensador francês e da obra clariceana permite identificar aspectos existencialistas recorrentes na trama da autora brasileira: a consciência e suas diversas dimensões como a identificação do fenômeno e o Ser com os outros; a liberdade como obrigação das escolhas do homem para construção da sua própria história e que traz em seu bojo a indeterminação, a angústia e a responsabilidade; e a inautenticidade que se materializa como negação da liberdade e das verdades interiores.

## 2.2. Sobre a consciência e suas dimensões<sup>2</sup>

O estudo da consciência implica no complexo relacionamento entre o ser e o não-ser (o nada), que resultaram no título da principal obra existencialista do filósofo Jean Paul Sartre. A teoria fenomenológica de Sartre prega a defesa da intencionalidade da consciência. “toda consciência é sempre consciência de alguma coisa” (SARTRE, 2009, p. 22).

Para uma melhor compreensão da teoria de existencialismo entendemos por bem buscar o conceito de alguns termos recorrentes e básicos como “consciência”, “fenômeno”, “ser” e o “nada”.

Segundo apontam Hilton Japiassú e Danilo Marcondes “não podemos empregar o termo "consciência" de maneira absoluta: toda consciência é consciência de alguma coisa, isto é, a necessidade, para a consciência, de existir como consciência de outra coisa distinta dela mesma, o que Heidegger exprime dizendo que o homem é um "ser-no-mundo"”. (2001, p. 41).

Esse conceito se alinha com a teoria de Sartre que concorda com Heidegger e até mesmo com Husserl sobre a necessidade da consciência se dirigir a algo que não seja ela mesma.

“[...] O termo "fenômeno" adquire, então, o sentido genérico de "tudo o que é percebido, que aparece aos sentidos e à consciência” (2001, p. 75)

Sartre considera o ser com como ser-em-si, ou seja. como uma região particular do ser , enquanto Heidegger considera o Ser como ser-no-mundo: condição necessária da existência humana. do Dasein (ser-aí)

---

<sup>2</sup> A principal fonte de consulta para elaboração deste capítulo é a obra magna de JEAN PAUL SARTE, *O ser e o nada*.

Sartre denomina o nada do ser de para-si e complementa o para-si não é um nada passivo do Ser, o para-si é a negação do Ser, não pode ter identidade com o ser pois se tornaria o ser.

Para uma ambientação e familiarização com esses pressupostos da filosofia de Sartre, será apresentada uma breve explanação sobre as instâncias mentais do fenômeno, do Nada, da temporalidade e do Ser para os outros.

A fenomenologia equipara um objeto físico a todas suas formas de aparecer, atuais e possíveis. Para Sartre a aparência se tornará “[...] plena positividade, e sua essência um ‘aparecer’ que já não se opõe ao ser, mas, ao contrário, é a sua medida. Porque o ser de um existente é exatamente o que o existente aparenta”. (SARTRE, 2009, p.16). As aparências que se apresentam não são em si fundamentais, mas aquelas que poderiam ser apresentadas mesmo que agora não estejam sendo visíveis. Sartre denomina essas possíveis aparências de transfenomenais. Ele afirma que a transfenomenalidade é a marca da realidade e também a série infinita de possíveis aparências

A intuição reveladora da consciência clama sempre por algo a ser revelado que é transcendente a ela, é a sua intencionalidade em operação. Ela se fundamenta numa revelação-revelada de objetos distintos a ela.

O ser transfenomenal do fenômeno não é um ser oculto por detrás dele, significa concluir que a consciência desvela o ser de um carro, de um estojo de lápis de cor, do mundo inteiro. “A consciência exige apenas que o ser do que aparece não exista somente enquanto aparece.” (SARTE, 2009, p. 35).

O nada pressupõe uma negação. O caminho que nos leva a origem da negação é a interrogação, e por meio dela que o homem se insere no mundo. Numa

interrogação supomos de antemão que haja ao menos um questionador e um questionado.

A negação surge de um conhecimento prévio sobre o mundo ou a expectativa que esse conhecimento resultou:

Seria, portanto, inútil contestar que a negação aparece sobre o fundo primitivo de uma relação entre o homem e mundo; o mundo não revela seus não seres a quem não os colocou previamente como possibilidades. (SARTRE, 2009, p. 47).

Segundo Gary Cox a teoria de Sartre é fundamentada sobre a negação. Acrescenta ainda que, segundo o filósofo, a negação permite ser analisada por diversas faces, sendo que uma emerge por meio da interrogação e a outra fundamentada na condição de que todos os homens constroem suas interpretações sobre as situações, motivadas por seus desejos, aspirações, expectativas e intenções. Ao visualizar intencionalmente uma situação, inevitavelmente a pessoa se defronta com uma carência, pois a consciência está permanentemente aspirando localizar algo de que sente falta. Sartre “[...] mantém que a falta é intrínseca ao significado de toda situação para qualquer consciência específica”. (COX, 2011, p. 45).

Para Sartre, somente a temporalidade pode permitir ao para-si mover-se em direção aos seus possíveis, pois estes só podem ser descritos como não sendo ainda. Para o pensador, a consciência reflexiva recusa o momento instantâneo, mas se transcende rumo às alternativas e isso só é viável na transcendência temporal:

É ‘no tempo’ que o para-si é seus próprios possíveis no modo de “não ser”; é no tempo que meus possíveis aparecem nos limites do mundo que tornam meu. Portanto, se a realidade humana se capta a si mesmo como temporal, e se o sentido de sua transcendência é sua temporalidade, não podemos esperar que o ser do para-si seja elucidado antes que tenhamos descrito e fixado a significação do temporal (SARTRE, 2009, p. 157).

O para-si foge do ser no presente para não coincidir com ele, pois se assim fosse ele se tornaria um ser-em-si e seria extinto. A razão de ser do para-si é sua eterna perseguição do ser que ainda não é, que está no futuro. O para-si faz permanentemente do presente o passado, como também não pode coincidir consigo mesmo no futuro o que ele ainda não é. Quando o futuro adquire o *status* de presente, o para-si já terá voado em direção a um novo futuro e assim sucessivamente.

Sartre considera a característica mais distintiva do ser humano a sua subjetividade individual. Ele cita o conhecido ditado “penso, logo existo” para mostrar a verdade absoluta da consciência. Essa verdade ele considera como essencial para argumentar a favor da indeterminação do indivíduo que caracteriza sua soberania de pensamento e ação. Essa teoria reforça a autonomia e o afastamento da condição de objeto determinado do homem ou seja, o diferencia das características e particularidades de seres inanimados como uma pedra ou uma mesa. No entanto, argumenta que essa subjetividade ultrapassa a estrita individualidade porque “no cogito não percebemos somente a nós mas também aos outros” (SARTRE; FERREIRA. 1970, p. 249). O homem se descobre a si mesmo, pela percepção do outro que passa a ser essencial para sua existência.

A minha intimidade e autoconhecimento está estreitamente imbricado com a noção de liberdade e da percepção do outro sobre mim. Essa interação com o outro configura um mundo conhecido como intersubjetividade. Nesse ambiente intersubjetivo que o homem define o que ele é e o que são os outros.

Sartre, seguindo Heidegger, considera que uma pessoa quando em presença de outras, ou quando é observada por outras, pode ser considerada como o ser-no-meio-do-mundo, e nessa situação a pessoa está presente no mundo como um objeto entre outros. Ele é transcendido pelo Outro se tornando um objeto como todos.

Uma condição fundamental para que alguém possa ser-para-outro, é seu corpo, o elemento físico da existência. Sartre alega que quando uma pessoa está no módulo de ser-no-mundo, seu corpo se torna invisível a sua percepção, pois ele não está sob o olhar ou percepção de Outro.

### 2.3. A liberdade e suas implicações

O *Dicionário básico de filosofia* de Hilton Japiassú e Danilo Marcondes confere ao termo liberdade a seguinte definição genérica: (lat. libertas) “Condição daquele que é livre. Capacidade de agir por si mesmo. Autodeterminação. Independência. Autonomia.” (2001, p. 119)

Outra definição do mesmo dicionário converge ou ao menos se aproxima do sentido existencialista:

Em um sentido ético, trata-se do direito de escolha pelo indivíduo de seu modo de agir, independentemente de qualquer determinação externa. Sartre em sua perspectiva existencialista, crê que o homem é livre, "porque somos aquilo que fazemos do que fazem de nós". Haveria sempre a possibilidade de escolha a partir da condição em que nos encontramos, porque o homem nunca é um ser acabado, predeterminado. Ainda segundo Sartre, “não há diferença entre o ser do homem e seu ser livre”. (2001, p. 119)

Já sabemos que a teoria de Sartre pode ser resumida na expressão “a existência precede a essência”. De acordo com esse entendimento, o ser humano surge à existência totalmente indeterminado para escolher sua trajetória de vida, quando está “condenado a ser livre”. Estamos aqui nos debruçando sobre uma teoria que prega a inexistência de uma “natureza humana” e que “..o homem primeiramente existe, se descobre, surge no mundo ; e que só depois se define”. (SARTRE; FERREIRA, 1970, p .216).

A liberdade é materializada por uma ação intencional que se propõe a mudar a configuração do mundo, por meio do desencadeamento de ações decorrentes da anterior até um fim, quando produzem o resultado previsto. De acordo com a teoria do pensador francês, a consciência é destituída de conteúdo e é intencional. Além disso considera que consciência não está vinculada a nenhum objeto, podendo portanto, ser descrita como liberdade.

Para melhor compreender como a consciência é movida por intencionalidade, faz-se importante considerar os conceitos do que Sartre denomina “em-si” e “para-si”. O “em-si” é tudo que existe, com exceção da consciência humana, denominada “para-si”. Cada representação subjetiva que a consciência humana designa é identificada como “para-si”.

Para Sartre, há casos em que a ação surge de uma reação. Será necessário que haja uma tomada de posição, que considere a situação presente como negativa e, posteriormente, volte a olhar sobre o nada que ela significa e conclua que não é feliz. Ainda segundo o pensador francês, a pessoa não pode estar habitada pelo conformismo e simplesmente padecer por aquilo que se constitui, ou seja “estamos acostumados, e é assim que é”. Ela deve rejeitar esse quadro para que sobre ele recaia uma contemplação revolucionária.

Segundo Sartre, a liberdade carrega o fardo da responsabilidade e da angústia, e o homem deve superar o determinismo para exercer plenamente a sua liberdade. Para uma melhor ambientação ao pressuposto da liberdade serão comentados, de forma breve, os aspectos do determinismo, da responsabilidade e da angústia.

O Determinismo estabelece no homem uma continuidade sem falha da existência em-si. O fator de imobilização está consolidado plenamente na decisão e

no ato, ou seja, há um condicionamento das ações atreladas a uma realidade previamente estabelecida, uma rotina que estabelece comportamentos e condutas.

Para o filósofo francês, o determinismo e o livre arbítrio são mutuamente imprescindíveis. No entanto, como aceitar a associação dessas duas condições humanas, se no livre arbítrio não há restrições e no determinismo não há possibilidades? Para Sartre existem duas instâncias da consciência das quais uma é livre a outra é transcendida pela liberdade e não é livre. Constitui o para-si a instância necessariamente livre e o ser-em-si aquela que é transcendida pela liberdade.

A liberdade está sempre acompanhada da responsabilidade, pois como afirma Sartre "...o homem, estando condenado a ser livre, carrega nos ombros o peso do mundo inteiro: é responsável pelo mundo e por si mesmo, enquanto maneira de ser" (SARTRE. 2009, p. 678).

A responsabilidade do para-si é opressiva, pois é por meio dele que o mundo se realiza, mesmo que avizinjado de adversidades e situações que tornam sua missão insuportável.

As ameaças que o para-si encontra pelo caminho devem servir de motivação para que o homem concretize seu projeto, pois está compromissado com ele. Não cabe queixa uma vez que o homem é o único e exclusivo autor daquilo que é. Essa condição de responsabilidade e compromisso não pode ser considerada como uma aceitação passiva, pois configura-se intrínseca como lógica da liberdade.

Sartre postula que angústia é consciência da responsabilidade universal engajada em cada um de nossos atos e complementa que ela se distingue do medo, porque o medo é medo dos seres do mundo, enquanto angústia é angústia diante de mim.

A prerrogativa de liberdade conduz em seu bojo uma carga indigesta, a angústia. O homem está condenado a ser livre e se torna responsável por construir a sua própria história de vida. Essa construção está por sua vez impregnada de um sentimento de responsabilidades para consigo e com o mundo.

A angústia é um estágio preliminar para o homem compreender e ter consciência da liberdade. Ela está inserida no interior da consciência uma vez que está acoplada ao campo reflexivo dela. A necessidade da pessoa tomar alguma atitude diante das suas possibilidades o angustia pois nem sempre ele sabe como deve agir.

Mas Sartre esclarece que a angústia é fruto da liberdade, uma vez que o “para-si” é livre e não pode ser prevenido contra a constante tarefa de escolher uma nova opção para agir e em consequência da maneira de ser.

#### 2.4. Inautenticidade

A essência da existência do para-si é exercer a prerrogativa de liberdade do homem. Ao homem não cabe o direito de negar sua própria liberdade, mas se mesmo assim desejar negá-la, ele estará se transformando numa coisa e isso configura, para Sartre, uma atitude inautêntica. Recusar a liberdade é negar o principal pressuposto de sua existência humana “a existência precede a essência”.

O ser humano, segundo o pensador francês, pode recusar a sua obrigação de escolha mascarando por conta do determinismo, sua liberdade. O homem para se ver livre da responsabilidade de escolha, recorre a vários recursos tentando velá-la. No entanto, afirma Sartre, o ser humano age inevitavelmente de forma consciente, portanto ele não logra êxito nessa proposta:

Em resumo, fujo para ignorar, mas não posso ignorar que fujo, e a fuga da angústia não passa de um modo de tomar consciência da angústia. Assim, esta não pode ser, propriamente falando, nem mascarada nem evitada. Fugir da angústia e ser angústia, todavia não podem ser a mesma coisa: se eu sou minha angústia para dela fugir, isso pressupõe que sou capaz de me desconcentrar com relação ao que sou, posso ser angústia na forma de “não sê-la”, posso dispor de um poder nadificador no bojo da própria angústia. (SARTRE. 2009, p. 89).

Quando age com inautenticidade, o ser humano se comporta como não sendo o que é, agindo assim ele pressupõe não ser responsável pelos seus atos. Ele justifica as suas ações argumentando que não teve culpa pois sua facticidade lhe impôs os limites.

### 3. Clarice Lispector<sup>3</sup>

Clarice Lispector nasceu no berço de uma família judia numa pequena aldeia da província ucraniana ocidental da Podólia. O fato de ter nascido no estrangeiro lhe trouxe muitos dissabores, depois de adulta, pois a incomodava profundamente ser tratada como estrangeira, conforme relatou uma amiga próxima:

Sempre se indignou diante do fato de que havia quem relativizasse sua condição de brasileira [...] Nascera na Rússia, é certo, mas aqui chegara aos dois meses de idade. Queria ser brasileira sob todos os aspectos. Eu, enfim, sou brasileira [...]”pronto e pronto” [...] Nasci na Ucrânia, terra de meus pais. Nasci numa aldeia chamada Tchechelnick, que não figura no mapa de tão pequena e insignificante. Quando minha mãe estava grávida de mim, meus pais já estavam se encaminhando para os Estados Unidos ou Brasil, ainda não haviam se decidido: Pararam em Tchetchelnick para eu nascer, e prosseguiram a viagem. Cheguei ao Brasil com apenas dois meses de idade (LISPECTOR apud MOSER, 2009, p. 19).

Sua família vivia numa conjuntura política muito tumultuada e perversa para a população residente naquela região ucraniana. Dominada pelo Rússia, a Ucrânia frequentemente era alvo de ações militares tanto de países da Europa ocidental como da própria Rússia, passando ao domínio ora de uma força, ora de outra. A maior perversidade era perpetrada pelos “progroms”, ações violentas para realizar saques aos povoados periféricos, cometer violências sexuais contra mulheres e crianças além de assassinatos em massa. O pai de Clarice se chamava Pinkhas e sua mãe Mania. Ela originária de uma família de relativas posses. Mania guardara algumas joias de família que mais tarde acabaram garantindo a sobrevivência do marido e filhas além de contribuir para que fosse possível custear a mudança para o Brasil. Os dois casaram por volta de 1910 e em 1911 nasceu sua primeira filha Elisa. O casamento de Pinkas e mania fora arranjado, mas o “sentimento que os unia, era o amor”,

---

<sup>3</sup> A principal fonte de consulta para elaboração desse capítulo é a biografia da escritora *Clarice*, produzida por Benjamin Moser publicada em 2009.

escreveu Elisa mais tarde. Pinkas era um judeu ambicioso, mas sua origem judia acabou significando o bloqueio das suas ambições “Judeu, foi a injúria que lançaram à face de seu pai, quando tentou ingressar na universidade”, escreveu Elisa posteriormente.

Ao invés de se tornar cientista ou matemático, Pinkas montou um pequeno estabelecimento comercial e teve de se contentar em viver da venda de bugigangas em um povoado em decadência. O pai de Clarice era uma amante da leitura, o que foi herdado pela filha que se tornaria uma famosa escritora.

Pinkas, quando não apareciam clientes, se refugiava ao fundo da loja, e com a luz de um lampião se punha a ler:

Lia de tudo quanto podia trazer das grandes livrarias nas suas frequentes viagens. Mas, além de Bialik e Dostoiévsky, entre outros autores, também lia, ou melhor, estudava o Guemurá (O Talmud). O piedoso sentimento religioso do pai, a quem sempre vira debruçado sobre os livros Santos, nele havia se transformado num pensamento a um tempo espiritual e humanista (LISPECTOR, apud MOSER, p. 37).

Por volta de 1915, Pinkhas resolveu se mudar com a esposa e as filhas, Elisa e Tania, para uma cidade considerada centro regional. Mas, mesmo nesse local, a situação da família era crítica e o pai tentava de todas as formas conseguir alguma atividade que garantisse as condições mínimas para sustentar sua família. Era um período em que os terríveis “progroms” assolavam aquela região. Em uma das noites em que o pai estava ausente, diante do som de diversos disparos, Mania saiu de casa para ver o que havia, e encontrou dois milicianos, e mais tarde ela chegou em casa, arrasada. Elisa, que era a fonte da maioria das informações sobre a família, deixou uma lacuna referente a esse episódio, sugerindo que sua mãe possa ter sido estuprada naquela ocasião.

Já bem mais tarde, próximo ao fim da sua vida, Clarice confidenciou a uma amiga íntima que sua mãe fora violentada por um bando de soldados russos, contraindo deles, sífilis, e que, nas adversas condições da guerra civil ficou sem tratamento.

O que ficou quase aceito é que Mania deve ter contraído sífilis no ano de 1920, pois já estava doente quando Clarice foi concebida. Naquela época e local havia crenças sobre as possibilidades de cura da sífilis caso a mulher ficasse grávida depois de contrair a doença. O que acontecia na realidade, é que os sinais iniciais da doença desapareciam depois de 21 semanas de infecção, voltando mais tarde com maior agressividade. Quando Clarice foi concebida, houve o retrocesso inicial da doença o que levou os pais a acreditarem na eficácia do dito popular, mas a doença voltou mais forte nos meses finais antes do parto. As estatísticas revelam que a possibilidade de Clarice ter sido infectada pela doença eram muito elevadas e que a escritora foi muito afortunada por nascer sadia. A família havia se mudado para a aldeia de Tchetchelnick onde Mania deu à luz a Chaya Pinkhasovna Lispector, nome de origem de Clarice, em 10 de dezembro de 1920. Após o nascimento de Clarice em Tchetchelnick, a família seguiu viagem para o Brasil, onde chegaram dois meses mais tarde, Clarice estava com dois meses de vida.

Ao chegar no Brasil, mais precisamente em Maceió, a família de Pinkhas adotou os nomes Brasileiros Pinkhas passou a ser Pedro, mania virou Marieta, Leah virou Elisa e Chaya se transformou em Clarice, somente Tania cujo nome é recorrente no Brasil, permaneceu com o mesmo nome.

A família Lispector foi recebida por parentes que antes já haviam se estabelecido em Maceió. No entanto, o casal que os acomodou não os tratava bem, humilhando-os frequentemente. Diante desse quadro e considerando que Recife era

uma capital, Pedro resolveu sair de Maceió para fixar-se em Recife, quando Clarice estava com cinco anos de idade.

De Recife, Clarice guarda suas mais vivas lembranças da infância e que provavelmente tenha influenciado as personagens crianças das suas criações literárias:

A escritora que mais tarde criará em suas obras crianças ora livres, ora solitárias, ora independentes e altivas, viveu nas ruas de Recife, um pouco de tudo isso: foi solitária, foi independente e, sem dúvida nenhuma altiva, mas foi também sequiosa de afeto e, acima de tudo, sensível à atmosfera que criará em contos (LEAL, 2011).

O seu nome original Chaya, que significava em hebraico “vida”, desapareceria no Brasil, e somente reapareceria na sua lápide tumular. Esse nome permaneceu pouco conhecido no Brasil até décadas depois de sua morte. Clarice, durante toda sua vida, teve medo de perder a identidade, receio esse que ficou provado numa carta que escreveu a uma amiga alguns anos antes de falecer:

Acordei com um pesadelo terrível: sonhei que que ia para fora do Brasil (vou mesmo em agosto) e quando voltava ficava sabendo que muita gente tinha escrito coisas e assinava embaixo meu nome. Eu reclamava, dizia que não era eu, e ninguém acreditava em mim, e riam de mim. Aí não aguentei e acordei. Eu estava tão nervosa e elétrica e cansada que quebrei um copo. (LISPECTOR; MONTERO, apud MOSER, 2009, p. 58).

A escritora revelou em 1968, na obra *A descoberta do Mundo*, que o seu nascimento significara uma esperança de cura frustrada de sua mãe:

Fui preparada para ser dada a luz de um modo tão bonito. Minha mãe já estava doente, e, por uma superstição bastante espalhada, acreditava-se que ter um filho curava uma mulher e uma doença. Então fui deliberadamente criada: com amor e esperança. Só que não curei minha mãe. E sinto até hoje essa carga de culpa: fizeram-me para uma missão determinada e falhei. Como se contassem comigo nas trincheiras de uma guerra e eu tivesse desertado. Sei que meus pais me perdoaram eu ter nascido em vão e tê-los traído na grande esperança. Mas, eu não me perdo. Queria que simplesmente se tivesse feito um milagre: eu nascer e curar minha mãe. (LISPECTOR apud MOSER, 2009, p. 50).

Durante a Infância no Brasil, o suplício de acompanhar a doença sua mãe, cada vez mais fragilizada, até a morte, marcaram para sempre sua vida:

Pois sobre a infância de Clarice Lispector pairava a terrível e incessante visão de sua mãe, Mania Krimgold Lispector, paralisada, num país desconcertantemente estrangeiro, incapaz de se mover ou de falar, presa numa cadeira de balanço, morrendo de modo lento e penoso. Essa foi a impressão dominante da infância de Clarice, a talvez da sua vida inteira. Assim como seu nome perdido ou oculto, a mãe agonizante e a falta que ela fazia para filha seriam recorrentes em quase tudo o que Clarice escreveu. (MOSER, 2009, p. 97).

Apesar dos momentos difíceis da infância, na sua maioria relacionados com a doença de sua mãe, Clarice insistia, ao ser questionada em diversas oportunidades, que havia sido feliz naquela época. “Olha, eu não sabia que era pobre, você sabe?” (MOSER, 2009, p. 88), disse ela numa entrevista.

A menina Clarice, apesar da vida cercada de dificuldades financeiras e principalmente pela doença da mãe, mostrava-se feliz como revelou numa passagem lírica:

Eu olhava tudo: as poucas pessoas na rua, a passagem pelo campo[...] “olhe, um porco de verdade!”, gritei uma vez, e a frase de deslumbramento ficou sendo uma das brincadeiras de minha família, que de vez em quando me dizia rindo: “olhe um porco de verdade” (LISPECTOR, apud LEAL, 2011).

Por ser a mais nova da família, diferentemente dos pais e irmãos, ela não chegou a sentir na pele, as adversidades sofridas pela família no leste Europeu. Enquanto recebia afagos e mimos, os outros passavam em apuros constantes. Uma das irmãs recorda que Clarice era impressionantemente bela quando criança e que os vizinhos queriam sempre estar por perto dela. “Travessa e enérgica, aos quatro anos, Clarice era uma imitadora de talento” (MOSER, 2009, p. 89):

Aos quatro anos foi para o jardim de infância( um dos primeiros existentes aquela época e muito diferente dos atuais), que era um tanto rígido, e Clarice, já naquele tempo analítica e crítica, imitava em casa as atitudes da

professora, com muita graça. Nós pedíamos que ela repetisse e ela o fazia imitando a professora que ordenava a cada movimento da turma, batendo palmas, intercalando cada atividade com “bate palmas, agora descansem” (KAUFMANN apud MOSER, 2009, p. 89).

No período em que sua mãe estava doente, Clarice, por ser ainda muito nova, não podia ajudar nos cuidados da mãe de forma concreta. Contribuía para o entretenimento da mãe fazendo representações mágicas, além de pedir a Deus para que a ajudasse. Criava fábulas nas quais sua mãe seria curada de todo sofrimento que sobre ela se abatia. Já era possível perceber naquela tenra idade a futura ficcionista.

Tânia, setenta anos depois, ainda lembra das atitudes fagueiras da irmã, tão diferente dela mesma e de Elisa. Enquanto Clarice já imitava as pessoas quando saiam para espaços públicos, as duas eram tímidas e reservadas. Clarice era uma líder natural. Segundo Tania “Fazia muitas amizades na escola”, “era imaginosa” inventava as brincadeiras, “Mas era seletiva, escolhia as amiguinhas”. “Eu era meio liderzinha”. “Antes de aprender a ler e escrever, eu já fabulava”, recordava Clarice.

Segundo Tania em uma carta escrita a Giovanni Pontiero “Clarice não estudava muito”( MOSER, 2009, p. 90), mas costumava obter boas notas. Quanto ao comportamento, as lembranças não escondem que a menina não era muito dada a disciplina “na escola, ela e seu amigo inseparável, Leopoldo Nachbin, eram apenas os dois impossíveis da turma”.

Na infância, a operação com números a atraía tanto que ajudava colegas nas atividades das aulas de matemática, mas aos poucos seus pendores revelaram uma queda definitiva pela arte de emprego das letras.

Aos treze anos viveu um choque vivencial sobre dúvidas existenciais e casamento. Esse choque após alguns meses se diluiu, mas:

[...] o que não passou, o grande evento da adolescência de Clarice, foi a descoberta da literatura. Na infância o impulso criativo sempre esteve presente, da nomeação dos lápis e azulejos do banheiro à redação da peça de três páginas *Pobre menina rica*, passando pela narração de suas histórias milagrosas sobre a mãe (MOSER, 2009, p. 123)

A autora revelou que aos treze anos tomou posse da vontade de escrever, mesmo que escrevesse desde criança, foi naquela idade que se viu “num vácuo” e que nele ninguém a poderia ajudar. Confessou ainda, mesmo que não encontrasse o rumo esperado na escrita, era necessário escrever sempre, não esperar um momento melhor porque este simplesmente não vinha. Reconhecia que tinha vocação, mas que era diferente de talento, este lhe fazia falta.

Clarice Lispector afirmava categoricamente que escrever para ela, era como respirar e que jamais sua literatura ensinava conceder-lhe notoriedade.

A família Lispector se mudou para o Rio de Janeiro. Em março de 1937 Clarice ingressou num curso preparatório à faculdade de Direito. Era um curso em que predominavam os homens, havia não mais do que um punhado de advogadas pelo Brasil afora. O que mais motivou a jovem a trilhar o caminho do Direito, foi mais do que a carreira, a sede de justiça que corria em suas veias. Escreveu ela certa vez sobre o que presenciava em Recife antes de se mudarem ao Rio de Janeiro “ Eu sentia o drama social com tanta intensidade que vivia de coração perplexo diante das grandes injustiças a que são submetidas as chamadas classes menos privilegiadas”(MOSER, 2009, p. 139)

Fruto de uma personalidade forte, jamais alterou seu modo de ser e de escrever ao longo da vida. Já na infância a escritora resistia a render-se ao convencional, mesmo que tentasse agradar aos pais, mantinha-se fiel a sua maneira particular de agir e ser. Não fosse ela dotada de tão sólida resistência ao sofrimento, inegavelmente

não teria se transformado numa mulher forte e uma escritora tão sóbria como o Brasil a conheceu.

As entrevistas com Clarice sempre eram cercadas pelo mistério e pelas aguardadas respostas apimentadas por um certo ar de sarcasmo. Incomodava-se quando questionada sobre ser estrangeira ou então quando o assunto versava sobre não precisar mais escrever por já ter notoriedade nacional e internacional.

Resultado de uma vida cheia de contrastes, principiando em um ambiente recheado por adversidades, Clarice cresceu, tornou-se mulher de personalidade sólida, com convicções irresolutas. Angariou ao longo da vida uma legião de críticos e admiradores. As críticas, muito além das literárias, se estendiam ao seu modo de ser, impenetrável, indecifrável e misteriosa. Muitos que a entrevistaram saíram com as mãos vazias por suas respostas enigmáticas e muitas vezes com alto teor de sarcasmo. O que não pode ser negado foi sua incrível capacidade de causar estranheza, espanto e por isso mesmo se manteve como alvo de permanente estudo e análise. Ao mesmo tempo que estava constantemente na mídia, ela pouco expunha sua vida pessoal e detestava ser bajulada, como também reagia de forma não muito amistosa a comentários e questionamentos críticos.

Inúmeros comentários e comparações foram registrados sobre Clarice e dela mesma sobre ela. “Alguns, como do poeta Ferreira Gullar: “Ao vê-la, levei um choque”, acrescentou ainda” Seus olhos amendoados e verdes, as maçãs do rosto salientes, ela parecia uma loba – uma loba fascinante.[...] Imaginei que se voltasse a vê-la, iria me apaixonar por ela” (LISPECTOR apud MOSER, 2009, p. 12). A própria Clarice admitiu em um comentário pessoal “ Há homens que nem em dez anos me esqueceram” [...] Há o poeta americano que ameaçou suicidar-se porque eu não

correspondia...” (COUTINHO apud MOSER, 2009, p. 12). Revelava nessa declaração um certo ar de vaidade.

Talvez o seu jeito enigmático e suas obras complexas tenham sido os motivos para que tivessem tanta repercussão depois do falecimento da autora. Aliás, não é motivo de estranheza esse fato. Na literatura, as obras cuja marca principal é o não dito são as mais debatidas. Suas produções em vida rejeitadas como incompreensíveis, passaram a ser cobiçadas em polvorosa, nas lojas, estações de metrô ou pela internet, após sua morte. Os fãs se multiplicaram e surgiram diversas publicações analíticas sobre sua obra e aspectos da vida da escritora.

Críticos literários, jornalistas e militantes de outras áreas buscam cada um a melhor descrição sobre Clarice. Mas são quase unânimes as conclusões que convergem para a mesma impressão: que sua aura de mistério, e sua personalidade peculiar escapam de todas as descrições. Talvez o que mais tenha contribuído para a sua incompreensão, tenha sido ela mesma. Seus posicionamentos, suas declarações jamais permitiram que se estabelecesse uma linha analítica com pequena margem de aspectos destoantes.

Clarice não podia ser classificada como humilde como fica claro nessa declaração a um jornalista “preciso de dinheiro”[...] “a posição de um mito não é muito confortável” ( HOHLFELDT apud MOSER, 2009, p. 15).

Sua personalidade foi sendo desvelada e solidamente construída em romances, contos, carta entre outros escritos: “Lado a lado com o desejo de defender a própria intimidade, há o desejo intenso de me confessar em público e não a um padre” (LISPECTOR apud MOSER, 2009, p. 16). Seu tipo de confissão dizia mais respeito às verdades interiores, motivo pelo qual foi sempre comparada mais com místicos e santos e menos com outros escritores:

A alma exposta em sua obra é a alma de uma mulher só, mas dentro dela encontramos toda gama da experiência humana. Eis porque Clarice Lispector já foi descrita como quase tudo: nativa e estrangeira, judia e cristã, bruxa e santa, homem e lésbica, criança e adulta, animal e pessoa, mulher e dona de casa. (MOSER, 2009, p.17).

A trajetória de vida da escritora é rica em experiências marcantes desde os primeiros anos de vida. A infância vivida em um ambiente de pobreza e a experiência da dor pela doença e perda da aliada a uma capacidade de observação privilegiada contribuíram na formação da sua personalidade e obra. As temáticas e estilo da sua produção literária combinados com seu comportamento enigmático garantem atenção da crítica e dos leitores e conferem-lhe posição de destaque na lista dos autores canônico da nossa literatura.

#### 4. A obra de Clarice<sup>4</sup>

As particularidades da obra, a personalidade e o temperamento, colocam os críticos e analistas em posição de desconforto ao se aproximar de Clarice Lispector e de suas obras. Fragmentárias, sem enredo definido, suas principais tramas seguem o estilo da prosa introspectiva, universo feminino, linguagem insólita e metafórica, e temática existencial.

O estilo clariceano mantém em permanente sobressalto aos que tentam aproximar-se de sua obra. Afirmar algo sobre a autora e sua obra é sempre temeroso pois seu texto se encarrega, como num passe de mágica, de desdizer o que antes parecia certeza. O que se configura como seguro sobre Clarice é sua autenticidade e objetividade, como também é seguro afirmar que esses traços de personalidade causaram desconforto aos que com ela se relacionavam. Patrícia Lessa Flores da Cunha declara sobre a tentativa de aproximação aos textos de Clarice: “Sem audácia e coragem não se pode chegar ao texto de Clarice, mas ao fim e ao cabo sempre resta a sensação de que algo mais deveria ser dito” (CUNHA 2003, p. 100).

Ao mesmo tempo em que provocava reações de incompreensão e até mesmo indignação por ser considerada próxima de indecifrável, a produção literária da escritora provoca acalorados debates e inúmeras interpretações mesmo e principalmente, após sua morte.

A Clarice escritora floresceu quando ainda era uma menina no Recife, mal havia começado a ler e escrever já produzira sua primeira peça teatral, *pobre menina rica*, que compôs logo após assistir a uma encenação. Escreveu também para o Diário de Pernambuco, jornal que reservava uma seção onde publicava textos de jovens

---

<sup>4</sup> Este capítulo teve como fonte principal o livro *A ficção de Clarice “nas fronteiras do (im)possível*, organizado por RITA TEREZINHA SCHMIDT

leitores. Nessas primeiras experiências Clarice já mostrara particularidades que marcariam toda sua obra. Quando os textos dos outros jovens principiavam pelo tradicional “Era uma vez”, Clarice evitava enredos clássicos e previsíveis, e por contrariar a forma convencional de escrever, acabava não tendo publicados alguns de seus textos.

Relembrando mais tarde sobre os escritos que enviara na infância ao *Diário de Pernambuco*, comentou a respeito da dificuldade de escrever histórias do tipo “era uma vez”:

[...] não é que ela não conseguisse escrever as histórias do tipo “era uma vez” que os editores da página infantil do *Diário de Pernambuco* esperavam. Ela não conseguia. Já adulta, lembrando-se desse malogro, decidiu tentar de novo[...] e comecei. No entanto, ao ter escrito a primeira frase, vi imediatamente que ainda me era impossível. Eu havia escrito: “Era uma vez um pássaro, meu Deus”. (MOSER, 2009, p. 128).

A infância cercada de adversidades com a família pobre e convivendo em ambientes de risco social, edificou em Clarice um perfil de preocupação com a injustiça social o que se refletiu posteriormente em toda sua obra.

O tema do existencialismo e intimismo recebeu um reforço nas suas convicções com a leitura de um clássico de Hermann Hesse, *o Lobo das estepes*. Podemos perceber um diálogo entre o livro de Hesse com a obra de Clarice, principalmente no principiar de sua trajetória literária. O que mais as aproxima são a temática de meditação filosófica e a maneira solta de elaboração da trama. O protagonista de *O lobo das estepes*, Harry Haller era “um animal que vagava em um mundo que para ele era estranho e incompreensível, um animal que não mais conseguia achar sua casa, sua paixão ou seu alimento” (HESSE, apud MOSER, 2009, p. 127). Não causa estranheza o apego a esse tema, pois é o que se vê em Joana, de *Perto do coração selvagem*, ora menina, ora mulher adulta, sempre navegando na sua intimidade em

busca de um significado para sua existência. “A viagem interior me fascinava”, declarou Clarice ao manifestar sua admiração por Hesse.

A temática introspectiva do livro de Hesse inspirou a garota incipiente na literatura cujas histórias nunca seguiram uma trajetória linear e que mostrou sempre menos inclinação ao arcabouço romanesco do enredo e dos personagens do que pelas possibilidades da escrita de encontrar a verdade interior.

A escritora concluiu seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem* na mesma época em que contraiu matrimônio com Maury Gabriel Valente. Ele, um diplomata que exerceu seu ofício em diversos países. Clarice o acompanhava e com isso diminuiu o ritmo da sua produção literária. Durante o casamento que durou de 1943 a 1959, escreveu três romances: *Perto do coração selvagem* (1944); *O lustre*(1946) e *Cidade sitiada* (1949) e o livro de contos *Alguns contos* (1952). No período em que morava no exterior teve oportunidade de fazer amizade com diversos autores internacionais. Depois da separação retomou a atividade literária com mais intensidade tendo escrito nesse período os romances *A maçã no escuro* (1961); *A paixão segundo GH* (1964); *Uma aprendizagem ou o Livro dos prazeres* (1969); *Água viva* (1973) e *A hora da estrela* (1977) e os contos *Laços de família*(1960); *A legião estrangeira* (1964); *A felicidade clandestina*(1971); *A imitação da rosa* (1973); *A via-crucius do corpo* (1974); *Onde estivestes a noite?* (1974) e *A bela e a fera* (1979).

Clarice integrou o modernismo brasileiro na chamada geração de 45 que marcou seu início coincidindo com o final da Segunda Grande Guerra Mundial estendendo-se até o início da década de 1960. Essa geração procurou inovar a produção literária principalmente no campo da linguagem com destaque para Guimarães Rosa e Clarice Lispector.

Na literatura feminina brasileira Lispector é considerada uma das mais destacadas autoras juntamente com Cecília Meireles, Lígia Fagundes Telles e Rachel de Queiroz.

Características como linguagem insólita, prosa introspectiva e existencialismo acentuaram a singularidade da obra de Clarice na Literatura Brasileira a serviço de uma escrita engajada em que predominaram o universo feminino e a temática social. A combinação desses ingredientes usados de forma recorrente pela escritora acentuam a complexidade da sua obra, que ao mesmo tempo em que dificulta acessá-la, a torna tão desafiadora e a mantém como tema de debates incessantes ao longo dos anos.

Para uma melhor compreensão da obra de Clarice na sua integralidade é importante tecer alguns comentários sobre os aspectos recorrentes na sua literatura. A prosa introspectiva revela a prevalência da construção do protagonista, em detrimento ao enredo. O leitor se transforma no analista do personagem que tem sua intimidade esquadrihada pelas inúmeras incursões interiores em que se lança revelando o que é prioridade para a escritora, a essência humana, como podemos atestar nessa passagem de *Perto do coração selvagem* “Porque ela nascera para o essencial, para viver ou morrer. E o intermediário lhe era o sofrimento” (LISPECTOR, 1997, p. 90).

O universo feminino é explorado nas mais diversas facetas em suas obras, nas reflexões mentais, nas relações afetivas, na análise e visão do corpo, na liberdade das decisões, entre outras. Clarice não mostrou ser feminista na sua literatura, mas desvelou das mais diversas formas, as inquietações do universo feminino. Diante de um ambiente marcado pelo machismo, a autora fez da representação dos conflitos femininos a maneira de chamar a atenção à importância das mulheres na sociedade.

O uso da linguagem insólita e metafórica é um dos aspectos que mais intrigaram e intrigam os leitores, críticos e analistas pois contribui decisivamente para tornar sua literatura de difícil compreensão.

A autora recorreu com maestria ao uso das figuras de linguagem, com destaque para as metáforas que permitiram que ela transitasse com naturalidade na construção de formas e estruturas com alto teor de rebuscamento, trazendo ao leitor diversas surpresas. *Em Perto do coração selvagem* temos diversos exemplos de uso de linguagem insólita e metafórica como nesse excerto: “ O que fazia com que brilhasse tanto? O tédio...Sim, apesar de tudo havia fogo sob ele, havia fogo mesmo quando representava a morte. Talvez isso fosse o gosto de viver” (LISPECTOR, 1997, p. 94).

O frequente trânsito pelo interior da mente se tornou um poderoso aliado para exploração da temática existencialista. Posicionar a existência no centro das suas atenções é a sua essência. A característica existencial serve como referência para orientar o homem a se encontrar no mundo.

Na sua obra, Clarice foi exímia em colocar o narrador ou o personagem envolto com anseios, dúvidas, desafios, angústias, frustrações. Joana e Otávio protagonista de *Perto do coração selvagem* tiveram um relacionamento com altos e baixos e os momentos de angústia foram recorrentes como esse em que o marido reflete sobre decidir terminar o casamento:

A inspiração guiava seus movimentos. E Otávio olhava-a esquecido de si próprio. A angústia terminava apertando seu coração, porque se ele quisesse tocá-la não poderia, havia um círculo intransponível e impalpável ao redor daquela criatura, isolando-a. (LISPECTOR, 1997, p. 202).

O existencialismo é também um traço de sua obra alinhando-se com a teoria existencialista de Jean Paul Sartre, destacando-se, dentre outros, os aspectos da angústia; da liberdade, no sentido de que o ser humano é livre e responsável pelo

rumo que quer dar a sua vida; da autenticidade que é um dos traços da personalidade de Joana; da importância do corpo; da presença do outro na vida do homem.

Predominou na sua literatura o interesse pela temática social<sup>5</sup>, tendência que já revelara quando decidiu ingressar na faculdade de Direito, uma opção rara a época para as mulheres. Clarice declarou naquela ocasião que essa decisão se devia menos pela carreira do que pela luta contra as injustiças sociais que já presenciara durante a vida, principalmente contra as classes menos favorecidas.

Rita Terezinha Schmidt ao comentar sobre as particularidades da obra de Clarice Lispector, assim descreve seu estilo:

Clarice nos põe em alerta ao que nela aprisiona, falseia, constrange, oprime, por outro lado nos seduz pelo que nela e através dela supreende, esclarece, liberta, projeta para frente e para o alto, como um salto na esperança. E nesse momento ela, não esconde nada, não oculta nada, pelo contrário, escancara na superfície de sua materialidade viva, os registros múltiplos de embates e conflitos, da experiência e da subjetividade, da identidade e da alteridade. (SCHMIDT, 2003, p. 7).

Sobre a construção da literatura de Clarice, Jaime Ginsburg observa que a escritora se valeu de estratégias específicas de representação literária. Nela fica evidenciada a suspensão dos fundamentos do romance realista, principalmente no tratamento dado aos personagens. A busca da interpretação da complexa realidade brasileira, ou seja: “[...] os elementos formais estariam a serviço de um reconhecimento crítico da desumanização de um contexto econômico e socialmente precário e injusto, destituído de sociabilidade e solidariedade” (SCHMIDT, 2003, p. 7).

Na introdução do seu artigo publicado numa coletânea organizada por Rita Terezinha Schmidt, Ginsburg apresenta os principais pontos elencados por Gerd Bornheim para descrever o período em que Clarice produziu sobre: a autonomia;

---

<sup>5</sup> A temática social das obras de Clarice não é explícita, está presente na construção dos seus personagens. Pessoas que estavam aquém do sujeito que a sociedade exigia como plenamente constituído.

a valorização do trabalho; a propriedade privada; o capitalismo; o conhecimento e sua concepção moderna, além da liberdade, como elementos que caracterizariam a constituição de um indivíduo considerado apto para a transitar como plenamente integrado num projeto político burguês, numa sociedade e capitalismo modernos.

#### Segundo Ginzburg:

[...] é constante em Clarice Lispector a criação de personagens que não configuram uma individualidade plenamente constituída dentro dos parâmetros projeto de modernidade burguesa, associado ao avanço do capitalismo no século XX. (GINZBURG, 2003, p. 85).

Ainda de acordo com o analista, seus personagens estão, em geral, em sintonia com a experiência de vida de uma representativa parcela da população brasileira enquadrados nesse universo de pessoas não plenamente constituídas dentro da conjuntura vigente.

A obra da autora situa-se no período compreendido entre a década de 1940 e 1970. Nesse interim, o Brasil vivenciou um intenso impulso de avanços e modernização tecnológica e com perspectivas ufanistas de um país com futuro promissor. No entanto, na prática a esperança de um crescimento econômico, político e socialmente sustentado não se concretizou, ao contrário, sobrevieram os enredamentos, conflitos e impasses que mostraram o que seria do país uma constante daí para frente ou seja, prevaleceram os sentimentos de apropriação elitista na condução dos rumos do país.

Partindo dessas considerações, é possível entender com mais segurança as temáticas e formas eleitas por Clarice na construção da sua literatura. Constata-se uma predominância das suas temáticas ligadas à precariedade da constituição

individual coerente com a dificuldade na sustentação de um projeto burguês de modernização.

Partindo da personagem Joana e finalizando em Macabéa, percebe-se a prevalência de personagens que estão excluídas do espectro de poder constitutivo da sociedade brasileira, no período o patriarcado:

Muitas delas se mostram com dificuldades de interagir com a realidade, por despreparo, desamparo ou fragilidade. Várias demonstram dificuldades em adequar sua experiência e seus valores às contingências externas. (GINZBURG 2003, p. 86).

Considerando a estética de Clarice como antagônica ao realismo, é possível entender a escolha da escritora por recursos estéticos a fragmentação e à suspensão do realismo. Enquanto na perspectiva realista, o pensamento fora ordenado por uma razão lógica, “em Clarice nos deparamos com o que Adorno chama de *razão antagônica*.” (GINZBURG 2003, p. 86). Trata-se de uma concepção centrada no conflito e no impasse. Pela perspectiva da razão antagônica, a experiência não se sustenta linearmente como no realismo, mas pela ausência da unidade dotada de sentido. Há uma fragmentação do sujeito em função da desumanização a que está exposto.

De forma geral, a produção de Clarice está fundamentada na construção de tipos como personagens ou narradores combinados com dilemas delicados da problemática dos indivíduos junto a valores e interesses coletivos.

Clarice elabora personagens como substância “menos que humanas”, e muitos que se consideram em condição aquém de si mesmos, constituídos como personagens e vozes narrativas. Essa moldura está articulada com o elevado nível de “desumanização e barbárie do processo de formação social brasileira” (GINZBURG, 2003, p. 88).

A escritora revelou em uma entrevista em 1970: “Como brasileira seria de estranhar se eu não sentisse e não participasse da vida de meu país. Não escrevo sobre problemas sociais, mas eu os vivo intensamente” (LISPECTOR, apud GINZBURG, 2003, p. 88). Como podemos perceber, Clarice era sensível ao drama social, presente de forma exponencial em nossa sociedade.

O livro que talvez reúna, resuma e sintetize o seu relacionamento com a escrita é *A descoberta do mundo*, uma coletânea de textos publicados no *Jornal do Brasil* de agosto de 1967 até dezembro de 1973. Paulo Gurgel Valente, filho da escritora e responsável pela publicação do livro adverte “não se enquadram facilmente como crônicas, novelas, contos, pensamentos, anotações”. Essas palavras do filho da escritora reforçam a dificuldade da definição da sua obra. Como esses textos foram publicados num veículo de comunicação dirigido ao público geral, houve uma preocupação com estilo mais coloquial na sua elaboração, tornando os mais simples para compreensão. Em uma das edições, Clarice revelou que “ ‘escrever já é um pouco vender a alma’ (‘Amor imorredouro’, pg. 20)” (CUNHA, 2003, p. 102). Escrever para Clarice é sinônimo de poder – “ ‘a palavra é meu domínio sobre o mundo’ (‘ As três experiências’, pg. 135). É também uma vocação inexorável – ‘nasci para escrever’ – uma experiência difícil de dolorosa que dispensa, em sua essência (seria falsa modéstia?), a possibilidade do talento – ‘pode-se ter vocação e não talento, isto é, pode-se ser chamado e não saber ir’ (‘Escrever’, pg. 439) ’. (CUNHA, 2003, p. 102). Em *A descoberta do mundo*, a autora desnuda sua impressão sobre escrever e sobre sua capacidade de produção textual.

Clarice considerava-se vocacionada para a escrita e nessa condição escrever era, em si, um ato supremo e não considerava prioridade, a forma como se

concretizasse essa realização. Ela mesmo declarava que não sabia ao certo como definir o que escrevia ao jornal:

[...] sei que o que escrevo não se pode chamar de crônica, nem de coluna em de artigo. Crônica é um relato? É uma conversa? É o resumo de um ato de espírito?. Não sei, pois antes de começar a escrever para o Jornal do Brasil eu só tinha escrito romances e contos ('Ser Cronista', pg.155-6)" (CUNHA, 2003, p. 102).

Alceu Amoroso de Lima em uma entrevista declarou sobre Clarice " Você Clarice, pertence àquela categoria trágica de escritores, que não escrevem propriamente seus livros. São escritos por eles. Você é o personagem maior do autor dos seus romances" (CUNHA, 2003, p. 105).

O "processo" sempre preponderou sobre o "produto" na obra da escritora, o que configurava uma visão bem particular do objeto literário. Como consequência dessas perspectivas podem ser compreendidas as esporádicas colocações da autora sobre a elaboração dos seus contos e a concepção das suas obras romanescas.

Sobre a definição de crônica que era oficialmente considerado o gênero literário da sua coluna no Jornal do Brasil, ela indagou certa vez : "...torna-se absolutamente inócua uma discussão sobre gêneros na medida que são meros instrumentos para se obter as múltiplas feições do fazer literário" (CUNHA , 2003, p. 105).

No seu conjunto, a obra de Clarice refletiu sua visão crítica da sociedade, sobre a condição humana e o universo feminino, tornando-se fonte inesgotável aos interessados pelo estudo desses temas no período sobre o qual a escritora produziu sua literatura.

## 5. Perto do coração selvagem

A obra que revelou Clarice Lispector ao Brasil e ao mundo foi publicada quando a escritora contava com apenas 24 anos de idade.

Rosiska Darcy de Oliveira reproduziu, na apresentação do livro *Perto do coração selvagem*, declaração de Antônio Candido quando do surgimento do livro e da escritora:

Perto do selvagem coração da vida, longe da razão que aplaina o mistério, perto da intuição, de assombros e sobressaltos, longe das definições que explicam o mundo, numa terra de ninguém, território insólito do feminino, raiava em 1944 Clarice Lispector. (OLIVEIRA, 1997, p. 5).

O título “*Perto do Coração Selvagem*” foi extraído da epígrafe de *Retrato de um artista quando Jovem*, de James Joyce. Analisando a trajetória do personagem principal do romance de Joyce, Stephen Dedalus, é possível estabelecer uma comunicação com a história de Joana *Perto do coração selvagem*. O livro do autor Irlandês narra o processo de transição do jovem Stephen Dedalus desde a infância até a idade madura e o conhecimento de si mesmo. Dedalus que deseja, de forma perseverante, ser um artista, enfrenta os limites repressores das convenções da Igreja Católica sobre sua imaginação impostos durante o internato religioso e período que esteve sob influência da religião, da escola e da sociedade. Declara Bernardina da Silveira Bueno:

Nesta obra, Joyce apresenta o uso sistemático do monólogo interior – desde os primeiros capítulos somos introduzidos na mente de Stephen Dedalus e convidados a acompanhar seus pensamentos, reações e processos psíquicos de consciência. (PINHEIRO, 2006).

Abria-se um novo horizonte para a literatura brasileira. *Perto do coração selvagem* representou uma ruptura ao que se produzia até então em termos de

literatura, a medida que subverteu a temática até então vigente, constituía-se no engajamento crítico do sistema patriarcal rural vigente que oprimia e mantinha marginalizados os excluídos do sistema.

Clarice revelava em *Perto do coração selvagem* o que viria depois com sua obra em quase meio século de produção literária.

Cercado de polêmicas sobre ter sido influenciada por James Joyce na elaboração da sua trama, a escritora brasileira revelou que “nem sequer lera Joyce, mas apenas se encantara com uma frase que lhe parecera pura harmonia com o tom de seu primeiro romance” (OLIVEIRA, 1997, p. 6-7). Sobre Virginia Woolf, com a qual o estilo de Clarice também se assemelha, a escritora brasileira pouco sabia sobre sua existência. Com reforço a essa ausência de influência, Alceu Amoroso de Lima comenta certa feita “Clarice Lispector não escreve como ninguém e ninguém escreve como Clarice Lispector” (OLIVEIRA, 1997 p. 6).

Três aspectos são conjugados na trama de *Perto do coração selvagem* conferindo-lhe um estilo particular, principalmente considerando a conjuntura literária vigente: aprofundamento introspectivo, alternância temporal dos episódios e o caráter inacabado da narrativa.

O discurso indireto livre é o predominante ao longo da obra. Em inúmeros episódios e momentos de reflexão há uma tentativa onisciente de contar a história mas ela é limitada pelas percepções de Joana. Assim o narrador se confunde com as reflexões intimistas da protagonista que busca entender o que acontece no seu interior. Essa forma de conduzir a narrativa envolve o leitor estimulando nele a participação na tentativa de compreender o que se passa na mente atribulada de Joana. Em sua análise, Benedito Nunes comenta sobre a narrativa:

Muito embora conforme vimos, o discurso indireto alterne com o direto em *Perto do coração selvagem* e *O lustre*, o sujeito narrador, tão próximo e quase

identificado com as personagens, ainda se esforça, nesses romances, por manter, como rubrica de seu distanciamento, a narrativa em terceira pessoa (NUNES, 1989, p. 150-51).

A mesma dificuldade para aproximar-se de Clarice, o analista, crítico ou leitor vai encontrar para adentrar no complicado e introspectivo mundo de Joana.

A trama de Clarice se desenvolve em dois ambientes distintos com os capítulos dispostos de forma desordenada, trasladando Joana entre a infância, vida adulta e adolescência subitamente, o que é permitido pela forma de estruturação do livro considerando a introspecção e a memória como aspecto temporal que interessa à condução da obra. Os fatos na vida da personagem não são encadeados temporalmente de forma linear, mas sim por acontecimentos atravessados por fluxos de memória e de sensações fragmentadas e momentâneas. Dessa forma, o que temos são entrelaçamentos temporais que os fundem.

Na primeira parte, os acontecimentos ocorrem nas experiências e sensações interiores de Joana. Os episódios não contêm evento de intrigas e nem enredo, mas são compostos por lembranças e percepções instantâneas. A protagonista é conduzida pela autora analisando sentimentos e desejos, sempre observando e analisando aqueles com quem convive. Um exemplo desses momentos de fluxo de consciência ocorre quando Joana se lembra do marido em meio a sensações e reflexões: “Tentou lembrar a figura de Otávio. Mal, porém, sentia que ele saíra de casa, ela se transformava, concentrava-se em si mesma e, como se apenas tivesse sido interrompida por ele, continuava lentamente a viver o fio da infância...” (LISPECTOR, 1997, p. 25).

Alguns acontecimentos e sensações podem resumir o que de mais relevante o leitor consegue reunir na primeira parte do livro que se desenvolve lentamente: “a orfandade, o pai viúvo absorvido em seu trabalho de escritor, a tia que lhe desperta

aversão, o mar adiante do qual se extasia, o furto de um livro, o professor amado, a puberdade, a contemplação do próprio corpo, a emoção de estranheza ao se olhar num espelho” (NUNES, 1989, p. 19).

A contínua reflexão que toma conta da personagem impede que seus sentimentos aflorem com naturalidade e a incompatibiliza a fruir a vida na sua pureza e simplicidade.

Clarice representa com Joana, não apenas uma mulher, mas o feminino na forma mais original, mais completa. A linguagem da protagonista expõe sentimentos desencontrados e com isso, desnorteia os homens acostumados aquela mulher previsível e submissa. Otávio, marido de Joana, ao mesmo tempo que a vê como enigmática, cuja intimidade é impenetrável, também a considera desafiadora e, por isso mesmo atraente, apesar da ausência de atrativos físicos. Ela afronta o estereótipo feminino vigente: “Longe das mulheres que se aquecem entre quatro paredes, como um cavalo, solto, disparado, ela corre ao enalço do selvagem coração da vida” (SILVEIRA, 1997, p. 10).

A protagonista de *Lispector* revela, desde sua tenra infância, ser muito sensível e introspectiva. Sua transição para a vida adulta é acompanhada de muitas reflexões intimistas e uma preocupação em manter uma vida independente de influências das convenções da família, escola e sociedade.

*Perto do coração selvagem*, é uma arma poderosa com a qual a autora, por meio de Joana, revelou seus posicionamentos diante de uma realidade social desfavorável à figura feminina no país.

Dois episódios da primeira parte da trama dão pistas do perfil que Clarice confere a sua protagonista e consequentemente as mensagens que quer legar com a personagem.

Num episódio da primeira parte da trama, o pai de Joana fala para o amigo sobre a mãe da menina. Conta que seu nome era Elza, que fora uma pessoa difícil mas, de bom coração. Completa ao final que desejaria muito que a filha não se parecesse com a mãe e nem com ele mesmo. Quando, num certo momento o amigo pergunta a Joana o que ela gostaria de ser quando crescesse, o pai responde por ela “Quanto ao tudo ela não tem a menor ideia meu caro, declarava o pai, mas se ela não se zangar te conto seus projetos. Me disse que quando crescer vai ser herói...”(LISPECTOR, 1997, p. 34). Nessa resposta Joana revelou, mesmo na infância, a sua personalidade transgressora pela ousadia do seu desejo numa sociedade em que o papel de mantenedor, provedor, ou seja, o herói cabia predominantemente a figura masculina.

Em outro episódio Joana, ainda uma criança, rouba um livro na presença de sua tia. A menina não se intimida diante da admoestação recebida da sua responsável. Ao ter sua atenção chamada pela tia, Joana responde “- Mas se eu estou dizendo que posso tudo, que... – Eram inúteis as explicações. – Sim prometo. Em nome de meu pai” (LISPECTOR, 1997, p. 60). A personagem Joana com sua atitude representa um posicionamento antagônico ao sistema de convenções sociais vigente. A tia representa o papel do sistema repressor e cuja finalidade é manter a segregação e o aprisionamento da mulher numa ordem social estabelecida.

A tia, após o episódio, e se sentindo incapaz de manter Joana enquadrada num sistema de disciplina no qual a criança deve obedecer e respeitar a autoridade dos mais velhos decide por interná-la num colégio. Nessa providência fica mais uma vez evidente o papel conjunto dos órgãos de repressão como Igreja, família, escola e estado para manter o controle do sistema social vigente.

Clarice certamente deve ter ficado satisfeita com repercussão do seu primeiro romance. Além de inquietar os analistas e críticos com a forma fragmentária com que compôs a trama, inovou com uma temática intimista e existencialista do universo feminino, radicalmente oposta a literatura realista e socialmente engajada contra as injustiças sociais à população excluída do sistema econômico e político.

## 6. Crítica sobre a obra<sup>6</sup>

A crítica sobre qualquer forma de arte, independente qual seja, se posiciona com pré-disposição a se deparar com algo que pouco fuja do que vem sendo produzido. À época em que foi publicado *Perto do coração selvagem*, não era diferente. Os analistas literários brasileiros viam-se em meio a produções de estilo realista engajadas criticamente ao sistema oligárquico vigente.

Subitamente, como num passe de mágica surge o surpreendente *Perto do coração selvagem*, o primeiro romance da então, pouco conhecida Clarice Lispector.

A rotina literária estava sendo violada com a jovem estreante, o que havia acontecido, segundo Antônio Cândido, somente com Mário de Andrade com *Macunaíma* e Oswald de Andrade com *Memórias sentimentais* de João Miramar que alcançaram estender “o domínio da palavra sobre regiões mais complexas e mais inexprimíveis, ou fazer da ficção uma forma de conhecimento do mundo e das ideias” (CÂNDIDO, 1989, p. 11-12).

Todo rompimento de paradigma causa estranheza, e a obra de Clarice também foi visto com certa cautela e provocou, inicialmente, algumas críticas negativas pela sua forma fragmentária e carência de um enredo definido. Álvaro Lins comentou a propósito do primeiro romance da autora “O livro ficou inacabado e incompleto” (BITTENCOURT, 2003, p. 107). Nessa mesma linha, Antônio Cândido também reforça numa crítica de 1943, o caráter precário da obra clariceana e considerou-a como uma tentativa “porque nele a realização é nitidamente inferior ao propósito” (CÂNDIDO apud BITTENCOURT, 2003, p. 107).

---

<sup>6</sup> A principal fonte consultada para elaboração desse capítulo é a crítica de ANTÔNIO CÂNDIDO: *No raiar de Clarice Lispector: In vários escritos*, publicada em 1977.

O renomado analista literário fez duras críticas no seu artigo *No raiar de Clarice Lispector* a literatura que vinha sendo produzida no Brasil até o surgimento de *Perto do coração selvagem*. Cândido sentia falta de arrojo dos nossos autores, que segundo ele, mantinham-se confortavelmente presos aos estilos vigentes, isentando-se de mergulhar com mais ousadia “na expressão literária” (CÂNDIDO, 1977).

Os autores da geração de 1930, receberam elogios de Cândido no uso de vocábulos e construções, no entanto: “Quase ninguém, todavia, chegou a dar uma demonstração de verdadeira força *mental*, não física ou emocional” (CÂNDIDO, 1997). Reforça ainda o analista que faltou a “contribuição do pensamento que faz a verdadeira obra durável” (CÂNDIDO, 1977).

A referência mais recorrente do crítico foi à ausência de pensamento dos autores literários, pois só por meio deles seria possível produzir algo que permanecesse ao longo do tempo:

Para que a literatura brasileira se torne grande, é preciso que o pensamento afine a língua e a língua sugira o pensamento por ela afinado. Uma corrente dupla, de que saem as obras primas e sem a qual dificilmente se chega a uma visão profunda e vasta dentro da literatura. (CÂNDIDO, 1977).

Ainda, segundo o analista, com exceção a Mário e Oswald de Andrade, não se encontrava o que ele chamava verdadeira exploração vocabular, a verdadeira aventura de expressão na literatura brasileira. Por isso, “...tive verdadeiro choque ao ler o romance diferente que é *Perto do coração selvagem*, de Clarice Lispector, escritora até aqui completamente desconhecida para mim” (CÂNDIDO, 1977).

Comprovadamente essa obra causou impacto fulminante ao nosso celebrado crítico que ainda afirmou sobre a obra:

Uma tentativa impressionante para levar nossa língua canhestra a domínios pouco explorados, forçando-a adaptar-se a um pensamento cheio de mistério, para o qual sentimos que a ficção não é um exercício ou aventura

afetiva, mas um instrumento real do espírito, capaz de nos fazer penetrar nos labirintos mais retorcidos da mente. (CÂNDIDO, 1989, p. 12).

Sobre a originalidade da trama de Clarice, Cândido na sua apreciação, deixa em aberto, pois ainda considerava precoce uma posição mais definitiva em virtude da existência de análises que sugeriam influência de outros autores como James Joyce e Virgínia Woolf. Mas, afirma que, deixando de lado as considerações sobre fontes estrangeiras de inspiração, *Perto do coração selvagem* é, no âmbito da literatura interna, performance de qualidade destacada.

Sérgio Milliet foi um dos primeiros analistas literários a avaliar o romance em estudo. Em seu ensaio datado de 15 de janeiro de 1944, pertencente ao segundo volume do seu *Diário crítico*, o ensaísta exalta a “descoberta” pela riqueza psicológica e originalidade do estilo da autora “nas constantes observações profundas, “cristalinas e duras de Joana”, na sua capacidade introspectiva, na coragem simples com que compreende e expõe a trágica e rica aventura da solidão humana” (MILLIET apud SEGATO; RODRIGUES, 2013). Milliet, além de fazer uma análise psicológica de Joana, também dá atenção a alguns aspectos formais do livro. Respalhado por essas análises, o estudioso concluiu que a obra não se enquadrava, nem na ficção psicológica de até então, nem na modernista, mas que Clarice havia inaugurado um gênero inovador por empregar uma linguagem em prosa, que por meio de rumos inesperados, atinge o status de “prosa poética”. Nesse estilo é possível revelar a relação entre o sujeito e a realidade.

Clarice, quando compôs a trama percebeu que seria indispensável passar ao largo da maneira tradicional de escrever para poder melhor mergulhar na densa aura da mente. Isso somente seria possível com a ruptura do cenário das rotinas estabelecidas e explorando o universo de sensações com criação de episódios

fragmentários nos quais pudesse mergulhar com profundidade na complexa rede de conexões que habitam a mente humana.

Sobre o livro, as críticas se centralizam no campo da linguagem e da forma, mas a temática não fica excluída. O tratamento à temática existencial, as mudanças na estruturação e na voz narrativa, provocaram reações de estranheza pelas inovações e incursões num campo ainda pouco explorado. Por outro lado, consideravam o romance de Clarice um exemplo concreto de uma nova forma de narrativa ficcional representativa da denominada “crise do romance”, com ocorrência no início do século XX.

Numa análise crítica é comum que haja uma mudança de rumos conforme as apreciações amadureçam, ainda mais quando se debruça sobre um objeto com elevada carga de inovações. Sobre *Perto do coração selvagem*, pouco a pouco, a crítica foi se alterando e assumindo um viés favorável de reconhecimento pelos traços de modernidade contidos na obra. Essa mudança de postura crítica deveu-se, além do motivo já elencado, às qualidades individuais da sua produção literária e das afinidades com dois dos mais celebrados autores da referida “crise do romance: James Joyce, a ele se assemelhando no recurso do monólogo interior e com Virgínia Woolf pela alta carga de exploração introspectiva e à presença de pequenos incidentes separados”.

Segundo Benedito Nunes:

Ora, o que liga o romance de Clarice Lispector a esses autores é menos uma técnica ou um procedimento particular do que os processos comuns – o monólogo interior, a digressão, a fragmentação dos episódios -, que sintonizam com o modo de apreensão artística da realidade na ficção moderna, cujo centro mimético é a consciência individual enquanto corrente de estados ou de vivências. (NUNES, 1989, p. 13).

O primeiro romance de Clarice despontava na literatura como ponto de ruptura com o tradicional e abria um novo percurso para literatura brasileira, com a estratégia de centrar as atenções na consciência individual como método de assimilação artística da realidade.

O que fica depois de percorrer as análises conferidas por diferentes críticos é que *Perto do coração selvagem* deu e continua dando causa a acirrados debates com impressões mais cautelosas nos primeiros anos após sua publicação e exaltação de inúmeras virtudes nos estudos posteriores.

## 7. Leitura de *Perto do coração selvagem* a luz do existencialismo

A identificação da trama do livro *Perto do coração selvagem* com a teoria existencialista, principalmente com a filosofia sartreana, pode ser identificada em diversas passagens e episódios da obra de Clarice Lispector.

Encontramos em Benedito Nunes no livro analítico sobre Clarice Lispector, *O drama da linguagem*, a constatação de aspectos das obras da escritora, alinhados com a teoria do filósofo francês. Nunes declara sobre a temática da escritora:

A temática assim compreendida é uma temática marcadamente existencial. Muitos de seus registros específicos estão intimamente ligados, conforme veremos nos capítulos seguintes, e certos tópicos da filosofia da existência, e mais particularmente ao existencialismo sartreano. (NUNES, 1989, p. 100).

Nunes afirma ainda que admitir esse relacionamento não implica necessariamente em aceitar que houve uma interferência ou influência da filosofia sobre a produção de Clarice. Trata-se de uma afinidade materializada no cenário da concepção de mundo da autora. A temática existencial serve de moldura para a produção da escritora de *Perto do coração selvagem*.

Fenômeno é um dos conceitos básicos da teoria sartreana. Segundo o filósofo, é aquilo que aparece à consciência, antes de lhe ser atribuído um significado. É o ato pelo qual o ser nos é revelado de forma original, imediata, como ele é constitui-se no “fenômeno do ser, cuja ocorrência podemos constatar no exemplo a seguir.

A protagonista de Clarice, destituída de determinismo e de influências, é uma observadora contumaz de pessoas e coisas que a rodeiam. Algumas vezes a contemplação dela ocorre sem preocupação em conferir sentido às coisas, como na passagem em que ela vê flores sobre o túmulo e que, após serem vistas passaram a

existir, e mais adiante, “subitamente vendo pela primeira vez, subitamente compreendendo que aquilo vivia sempre.”

Assim, um cão latindo, recortado contra o céu. Isso era isolado, não precisava de mais nada para se explicar...Uma porta aberta a balançar para lá e para cá, rangendo no silêncio de uma tarde...E de repente, sim, ali estava a coisa verdadeira. Um retrato de alguém que não conhece a nunca reconhecerá porque o retrato é antigo ou porque o retrato tornou-se pó [...] também um mastro sem bandeira, ereto e mudo fincado num dia de verão – rosto e corpo cegos. Para se ter uma visão, a coisa não precisava ser triste ou alegre ou se manifestar. Bastava existir, de preferência, parada e silenciosa, para nela se sentir a marca. (LISPECTOR, 1997, p. 54/55).

De forma diversa ao exemplo acima em que o fenômeno carece de sentido, no exemplo seguinte percebemos uma observação em que há atribuição de sentido aquilo que é observado que se se mostra coerente com a definição do “Ser do fenômeno”.

Joana observa e analisa o comportamento dos tios:

Olhou-os, Sua tia brincava com uma casa, uma cozinheira, um marido, uma filha casada, visitas. O tio brincava com o trabalho, com uma fazenda, com jogo de xadrez, com jornais. Joana procurou analisá-los, sentindo que assim os destruiria. Sim, gostavam-se de um modo longínquo e velho. De quando em quando ocupados com seus brinquedos, lançavam-se olhares inquietos, como para se assegurarem que continuavam a existir” (LISPECTOR, 1997, p. 74).

Percebemos nesse excerto, o pressuposto existencialista do cogito ou consciência reflexiva, que na presença da consciência não-tética (daquilo que lhe aparece de forma bruta), atribui sentido às aparições dos fenômenos.

Outro aspecto básico da filosofia de Sartre, é a presença do nada na vida do homem, que se constitui como o elo de ligação entre o ser e o seu futuro. O nada pressupõe uma negação e o caminho que nos leva a negação é a interrogação, e é por ela que o indivíduo se insere no mundo. Através de um questionamento que o homem pretende preencher o “nada” provocado pelo desconhecimento sobre algo. Na trama de Clarice a personagem Joana, ainda menina, busca desfazer uma dúvida

sua com a professora, após a turma receber a tarefa para próxima aula: “- O que é que se consegue quando se fica feliz?, [...] –Queria saber: depois que se é feliz o que acontece? O que vem depois? – repetiu a menina com obstinação” (LISPECTOR, 1997, p. 38). A curiosidade precoce da criança sobre a vida é uma das marcas da protagonista de *Perto do coração selvagem*.

Numa das muitas situações em que Joana se encontra refletindo sobre as razões e dúvidas da sua existência, ela se depara com seus anseios e carências:

O que desejo ainda não tem nome. – Sou pois um brinquedo a quem dão corda e que terminada esta não encontrará vida própria, mais profunda. Procurar tranquilamente admitir que talvez só a encontre se for buscá-la nas fontes pequenas. (LISPECTOR, 1997, p. 82).

A protagonista de *Perto do coração selvagem*, busca satisfação para uma carência existencial que a inquieta perpetuamente, mas sua consciência está sempre partindo para o futuro onde ela imagina encontrar a realização e completude.

Segundo Sartre, o ser humano nunca consegue satisfazer os seus desejos na completude, Cada momento de plenitude é acompanhado de desapontamento, pois nunca se atinge a satisfação plena. Podemos constatar na obra de Clarice a instabilidade dos estados e emoções de Joana que resiste aceitar a felicidade como uma condição duradoura:

Nesse instante eu estava verdadeiramente no meu interior e havia silêncio. Só que meu silêncio, compreendi, era um pedaço do silêncio do campo. E eu não me sentia desamparada. O cavalo de onde eu caíra esperava-me junto ao rio. Montei-o e voei pelas encostas que a sombra já invadia e refrescava. Freei as rédeas e passei as mãos pelo pescoço latejante e quente do animal. Continuei a passo lento escutando dentro de mim a felicidade, alta e pura como um céu de verão. [...] É preciso que eu não esqueça, pensei, que fui feliz, que estou sendo feliz mais do que se pode ser. Mas esqueci, sempre esqueci. (LISPECTOR, 1997, p. 83).

Para Sartre, somente a temporalidade pode permitir ao para-si mover-se em direção aos seus possíveis, pois estes só podem ser descritos como não sendo ainda. Para o pensador, a consciência reflexiva recusa o momento instantâneo, mas se

transcende rumo às alternativas e isso só é viável na transcendência temporal: Na obra da nossa escritora o passado, presente e futuro estão imbricados e entrelaçados numa sucessão de idas e vindas nessas instâncias temporais. Segundo a teoria sartreana, no conceito de temporalidade não há espaço para a existência de nenhum dos três estágios da temporalidade, passado, presente e futuro, pois quando o passado não existe mais, o futuro ainda não chegou. A temporalidade para Sartre se configura numa eterna transição.

O Pressuposto da temporalidade está presente na obra de Lispector quando Joana reflete sobre a transitoriedade da sua existência e a simultaneidade do passado, presente e futuro:

Entre um instante e outro, entre o passado e o futuro, a vaguidão branca do intervalo. Vazio como a distância de um minuto a outro no círculo do relógio. O fundo dos acontecimentos erguendo-se calado e morto, um pouco de eternidade. Apenas um segundo quieto talvez separando um trecho da vida ao seguinte. Nem um segundo, não pode conta-lo em tempo, porém longo como uma linha reta infinita. (LISPECTOR, 1997, p. 176).

O Ser para os outros configura-se em outra área relevante na teoria do pensador francês. Para Sartre, o homem se descobre a si mesmo, pela percepção do outro que passa a ser essencial para sua existência. A intimidade do homem e seu autoconhecimento estão estreitamente imbricados com a noção de liberdade e da percepção do outro sobre ele.

Joana descobriu-se nessa passagem, quando ouviu por detrás da porta o que sua tia falava com o marido sobre ela:

É uma víbora, Alberto, nela não há amor nem gratidão. Inútil gostar dela, inútil fazer-lhe bem. Eu sinto que essa menina é capaz de matar uma pessoa... [...] Quem era ela? A víbora. Sim, sim para onde fugir? (LISPECTOR, 1997, p. 61- 62)

Sartre considera a característica mais distintiva do ser humano a sua subjetividade individual. No entanto, argumenta que essa subjetividade ultrapassa a estrita individualidade porque “no cogito não percebemos somente a nós mas também aos outros” ( SARTRE, FERREIRA, 1970, p. 249). Essa interação com o outro configura um mundo conhecido como intersubjetividade. Nesse ambiente intersubjetivo que o homem define o que ele é e o que são os outros.

Joana, a protagonista da trama de Clarice convive com sua consciência em crise e a introspecção é o drama permanente da personagem. A auto-observação contínua da personagem a afasta do seu próprio ser e a isola na convivência com os outros. Ela está em permanente oposição aos outros, pela ausência da intersubjetividade nos convívios, mesmo com os mais próximos, como é o caso do marido Otávio que segundo Nunes ela “Vê no marido(Otávio) um estranho, que ela ama hostilizando, um inimigo em potencial, que ela odeia amando” (NUNES, 1989, p. 20).

Durante uma discussão da relação, já bastante desgastada, percebe-se a dificuldade intersubjetiva entre o casal:

- Você sempre me deixou só. – Não assustou-se ela. – É tudo o que eu tenho não se pode dar. Nem tomar. Eu mesma posso morrer de sede diante de mim. A solidão está misturada à minha essência... –Não – repetiu ele obstinado, os olhos turvos. – Você sempre quis, porque quis. – Não tenho culpa – gritou Joana -, acredite... Está gravado em mim que a solidão que vem de cada corpo tem irremediavelmente seu próprio fim, ... (LISPECTOR, 1997, p. 199).

Quando uma pessoa se percebe a si mesma, da mesma forma como é vista pelo Outro, ela muda sua condição para um objeto no meio do mundo, do ponto de vista do Outro. Nas palavras de Gary Cox “experienciar a si mesmo como um objeto para o Outro, é experienciar o Outro como sujeito” (COX, 2011, pg.67).

Numa passagem da trama de *Perto do coração selvagem*, a tia de Joana desabafa com o marido sobre o episódio em que Joana havia roubado um livro. Revela as estranhas sensações que a simples presença da sobrinha lhe causa:

E essa menina... Não se tem que ter pena nesse caso, Alberto! Eu é que sou a vítima... Mesmo quando Joana não está em casa, fico agitada. Parece loucura, mas é como se ela estivesse me vigiando...sabendo o que eu penso... As vezes estou rindo e paro no meio, gelada. (LISPECTOR, 1997, p. 61)

Uma condição fundamental para que alguém possa ser-para-outro, é seu corpo, o elemento físico da existência. Sartre alega que quando uma pessoa está no módulo de ser-no-mundo, seu corpo se torna invisível a sua percepção, pois ele não está sob o olhar ou percepção de Outro. Joana pode ser considerada alguém que está no módulo ser-no-mundo, pois não está familiarizada com seu corpo, como se não o conhecesse.

Joana, no seu mundo de reflexões e buscas existenciais e a restrita convivência com os outros, quase não percebe sua aparência física e numa determinada ocasião ao se ver no espelho, estranha seu próprio corpo:

Eis me de volta ao corpo. Voltar ao meu corpo. Quando me surpreendo ao fundo do espelho assusto-me. Mal posso acreditar que tenho limites, que sou recortada e definida. [...] Depois de não me ver há muito quase me esqueço que sou humana, esqueço meu passado e sou com a mesma libertação de fim e de consciência quanto uma coisa apenas viva. ( LISPECTOR, 1997, p. 80).

O pensador francês advoga que o homem nasce sem influência da natureza. De acordo com esse entendimento, ele surge à existência totalmente indeterminado para escolher sua trajetória de vida, quando está “condenado a ser livre”.

A personagem Joana é dominada por desejos obscuros que não se concretizam, pois sua força instintiva está represada, impulsos de liberdade e

expressão formam uma intrincada rede mental que a mantém constantemente inquieta e angustiada:

Por um lado, sente-se capaz, “como um animal solto”, de transgredir todos os limites morais, mas por outro, seus pendores anárquicos, que jamais se concretizam, refluem para a angústia da liberdade, diante dos possíveis abertos a ação. (NUNES, 1989, p. 20).

Benjamin Moser na sua *Biografia*, sobre Clarice reproduz uma declaração da escritora sobre a personagem Joana que “estava cansada do esforço de animal libertado”:

Uma coisa era, para um animal, ou para Joana, acasalar-se e seguir em frente, outra coisa inteiramente distinta era, para uma pessoa, situar sua liberdade acima de tudo. Uma pessoa simplesmente não pode sobreviver sem ceder um pouco de sua liberdade e aceitar os laços necessários que a unem aos outros (MOSER, 2009, p. 435).

Nessa apreciação demonstrada pela autora com sua personagem, é possível perceber que é necessário haver uma flexibilização do conceito de liberdade, que Sartre relutava em admitir.

Nesse comentário de Nunes, evidencia-se o alinhamento entre as sensações de Joana com a descrição de Sartre sobre a materialização do uso da liberdade pelo ser humano. O filósofo postula que o vetor que impulsiona à ação é o Para-si que, ao se deparar com uma escolha é obrigado a decidir-se entre os “possíveis” que são, em última análise as opções que se apresentam para cada atitude humana. Gary Cox define a função do Para-si na tomada de decisões pelo homem:

Como nada além de um ser rumo ao futuro, como nada além de possibilidades do ser do qual é sua negação, o para-si tem que ser essas possibilidades. [...] A liberdade do para-si consiste nesta perpétua abertura das possibilidades do ser (COX, 2011, p. 89).

A realidade humana é uma permanente superação do estado de que recobre o Si. Há uma mobilidade dinâmica relacionando passado, presente e futuro que se

aproximam da simultaneidade. Diferentemente do ser-em-si, o Para-si está sempre em direção ao futuro. O foco do pensamento de Sartre se baliza na premissa de que cada pessoa está sempre em direção ao futuro e que está ciente disso.

A protagonista de Lispector é inquieta e rejeita a possibilidade da imobilidade e se constitui em um ser em direção ao que ainda não é, está sempre almejando tornar-se:

Desejava mais: renascer sempre, cortar tudo que aprendera, o que vira, e inaugurar-se num terreno novo onde todo pequeno ato tivesse um significado, onde o ar fosse respirado como da primeira vez (LISPECTOR, 1997, p. 93/94).

Constitui-se imprescindível a liberdade para que o homem possa agir e fazer-se, assim sendo, ela permite ao “para-si” edificar sua própria essência. Não significa afirmar que sejam possíveis conhecer, de antemão, todas as consequências de um ato. Mas é possível afirmar que toda ação implica obrigatoriamente como condição prévia, a identificação de falta ou uma negatividade.

Joana personifica um ser indeterminado, pois sua mente e seu espírito são livres de influências, de valores e princípios familiares normalmente absorvidos no convívio com a família, colegas e amigos.

Ao roubar um livro quando estava com a tia fazendo compras, Joana demonstra sua posição diante das convenções sociais:

- Joana... Joana, eu vi... - Não se assuste tia. - Você sabe o que fez?- eu roubei o livro, não é isso? [...] -.. Eu lhe imploro: prometa que não faz mais isso, prometa, prometa, em nome do pai. Joana olhou a com curiosidade: - mas se estou dizendo que posso tudo, que...- eram inúteis as explicações. Sim, prometo, em nome do meu pai. (LISPECTOR, 1997, p. 59-60).

O comportamento da menina denota estar alheia aos valores morais pregados pela sociedade. Ela demonstra total indiferença com a indignação da tia, que, sendo

uma personagem contaminada pelo determinismo social, representa a figura da família num ambiente mais próximo e a posição da sociedade numa visão ampliada.

Sobre a alienação de Joana caracterizada pelo seu comportamento desconectado da realidade dos outros escreve Benedictus de Spinoza:

Joana não é boa nem má, não parece sequer estar ciente dessas categorias. Como Joana, a natureza tem atributos “positivos”, liberdade, por exemplo, ao lado dos “negativos”: Joana é violenta, desonesta, agressiva (SPINOZA apud MOSER, 2009, p. 187).

Fica evidente nessas colocações de Spinoza que Joana é uma personagem totalmente indeterminada, desprovida dos conceitos e condutas tradicionais.

A liberdade está sempre acompanhada da responsabilidade como afirma Sartre “... o homem, estando condenado a ser livre, carrega nos ombros o peso do mundo inteiro: é responsável pelo mundo e por si mesmo, enquanto maneira de ser” (SARTRE, 2009, p. 678).

A menina que optou por essa conduta assumiu a responsabilidade, pois combinadas com outras contrariedades que causava a sua cuidadora, acabou sendo internada numa instituição.

Além das considerações já aventadas relativas ao ato praticado pela personagem protagonista da obra em análise, incorre essa ação em mais um aspecto da teoria de Sartre sobre a liberdade existencial, quando notamos que o roubo do livro foi uma ação intencional e que provocou uma sequência de outras medidas decorrentes como a internação da menina.

Alinhado com esse aspecto, no livro em análise, Joana não suportava mais permanecer aos cuidados da tia e resolveu agir para mudar sua situação.

Um pressuposto que está diretamente ligado à liberdade, mas em posição antagônica, é o determinismo, ou seja, uma condição na qual o homem nega as

escolhas que a liberdade lhe confere, atribuindo sua atitude como provocada pela condição que lhe é imposta pela natureza de sua existência.

O determinismo está presente na trama de Clarice. Em uma de suas muitas reflexões, Joana reflete sobre cada instante que vivencia, faz suposições mentais de como seria se ligasse cada momento com a consciência por meio de filamentos quase imperceptíveis mas fortes. Imagina que assim poderia captar a vida, mas conclui que seria impossível de segurá-la, concluindo sendo impossível, poderia vive-la. Inquieta, conclui que o sonho é mais completo que a realidade e que a realidade a afogaria na consciência. Ocorre lhe uma questão: o que importa na verdade? Viver ou saber que se está vivendo?

Nessas questões percebe-se que a personagem se depara com dois caminhos que poderia trilhar na vida: o determinismo em que se seguiria o destino previamente traçado ou o de protagonista no qual se escolheria o próprio caminho a seguir, seguramente mais desafiador. Ela suplica: “inspirai-me, eu tenho quase tudo; eu tenho o contorno à espera da essência; é isso? - O que deve fazer alguém que não sabe o que fazer de si?” (LISPECTOR, 1977, p. 81).

Em outro episódio a protagonista revela estar incomodada com sua situação, sentindo se atrelada a um caminho determinado reconhecendo os limites de ação representados pela sua imagem delimitada no espelho “Eis me de volta ao corpo. Voltar ao meu corpo. Quando me surpreendo ao fundo do espelho assusto-me. Mal posso acreditar que tenho limites, que sou recortada e definida” (LISPECTOR, 1997, p. 80).

A liberdade impõe ao homem a responsabilidade e dela ele não pode se esquivar para não incorrer numa atitude inautêntica. Na obra de Lispector há uma

passagem em que Otávio, em suas reflexões tenta negar a sua responsabilidade ao sair da casa da amante:

Mas afinal de nada tenho culpa, disse. Nem de ter nascido. E de repente não compreendeu como pudera acreditar em responsabilidade, sentir aquele peso constante, todas as horas. Ele era livre... Como tudo se simplificava as vezes. (LISPECTOR, 1997, p. 142).

A prerrogativa de liberdade conduz em seu bojo uma carga indigesta, a angústia. O homem está condenado a ser livre e se torna responsável por construir a sua própria história de vida. Essa construção está por sua vez impregnada de um sentimento de responsabilidades para consigo e com o mundo.

Lispector construiu a personagem de Joana como inquieta, questionadora, sempre a procura de sentido para vida, eternamente insatisfeita com sua condição. Numa passagem em que ela está com o marido quando ele escrevia, Joana foi possuída por desconforto que percorreu sua consciência num fluxo angustiante causado pela sensação de falta de liberdade e submissão ao marido dedicando-se a ele em tempo integral. Em meio a esse turbilhão de pensamentos, conclui que deveria separar-se dele para voltar a ser dona da sua vontade e do seu tempo:

Vou deixá-lo achou num primeiro pensamento sem antecedentes. Abriu os olhos a espreita de si mesma. Sabia que desse momento poderiam vir consequências. Pelo menos antigamente, quando suas resoluções não precisavam de grandes fatos, só de uma pequena ideia, de uma visão insignificante para nascerem. Vou deixá-lo, repetiu-se e dessa vez do pensamento partiam pequenos filamentos prendendo-o a si mesma. [...] quantas vezes ainda ela se proporia a isso, até deixá-lo mesmo? Cansou-se previamente das pequenas lutas que ainda teria, revoltando-se e cedendo em seguida, até o fim. LISPECTOR, 1997, p. 123-124).

Joana, diante dos pensamentos que a torturavam, se angustiava pela incerteza e insegurança com as consequências que essas reflexões poderiam provocar. Por mais que tentasse controlar a inquietação, não lograva se livrar dessa angústia.

Benedito Nunes ao estabelecer comparação entre as obras *O Lustre* e *Perto do coração selvagem* afirma que as protagonistas dos dois romances se identificam pelo conflito e inquietação que as assombra e que Virgínia de *O Lustre* pode ser considerada um desdobramento ou duplicação de Joana e como tal conhece como Joana “a angústia da liberdade, sente o desejo obscuro de exprimir-se e de realizar-se” (NUNES, 1989, p. 27-28). Há uma identificação nesse comentário com Sartre pela angústia que se associa à liberdade, e no caso dos romances, a liberdade das duas está represada por fatores que as personagens tentam descobrir.

O marido de Joana, Otávio passou pela mesma angústia quando não suportava mais o relacionamento com Joana. Aos poucos os dois cônjuges foram se conscientizando que faltava liga no relacionamento. Ele não sabia porque ainda estava com Joana, era algo que ele não sabia justificar, pois não a achava atraente, mas o intrigava com suas atitudes incompreensíveis. Ela era um mistério a revelar e isso a tornava mais interessante do que Lídia que achava bonita, carinhosa mas previsível. Em meio a uma torrente de pensamentos que o inquietavam e confundiam, refletia sobre a difícil decisão que precisaria tomar:

A indefinível sensação de perda quando Joana o deixasse...Ela surgiria nele, não na sua cabeça como lembrança comum, mas no centro de seu corpo, vaga e lúcida, interrompendo sua vida como o badalar súbito de um sino.[...] Sentiria o espaço aberto e límpido no seu coração, onde nenhuma das sementes de Joana pudera cobrir de floresta, porque ela era impossuída como o pensamento futuro.[...] No entanto, ela era dele, sim, profundamente, difusamente como uma música ouvida. Minha, minha, não partas! Implorou no fundo do seu ser.[...] Mas ele não pronunciaria tais palavras porque desejava que ela partisse, não saberia o que fazer de Joana se ficasse. Voltaria para Lídia, grávida e larga.[...] Quer mesmo um filho? Perguntou ele porque, medroso da solidão em que avançara, quis subitamente ligar-se a vida, apoiar-se em Joana até poder apoiar-se em Lidia, como quem ao atravessar um abismo agarra-se às pedras pequenas até galgar a maior. (LISPECTOR, 1997, p. 204-205).

Otávio estava inerte com a angustia que a difícil decisão lhe impunha. Ele procurava abster-se de tomar a decisão, mas todas as ideias partiam da sua

consciência e era impossível fugir da angústia de ter que agir. Ao negar a liberdade de decidir ele agiu de forma não autêntica.

Mas Sartre esclarece que a angústia é fruto da liberdade, uma vez que o parasita é livre e não pode ser prevenido contra a constante tarefa de escolher uma nova opção para agir e em consequência da maneira de ser:

É na angústia que o homem toma consciência de sua liberdade, ou, se se preferir, a angústia é o modo de ser da liberdade como consciência de ser; é na angústia que a liberdade está em seu ser colocando-se a si mesmo em questão (SARTRE, 2009, p.72).

Joana deteve-se nas suas meditações sobre sua vida. Toda sua existência de repente veio a sua memória e num momento imaginou que já vivera e que sua vida estava no fim, e logo a seguir uma sensação de que toda sua vida não havia passado de um tempo em branco, vazio e que de longe ouvia:

[...] longínqua e surdamente o fragor da vida se aproximando, densa, caudalosa e violenta, as ondas altas rasgando o céu, aproximando-se, aproximando-se... para submergi-la, para submergi-la, afogá-la asfixiando-a. (LISPECTOR, 1997, p. 93).

A protagonista vive em permanente conflito consigo e com os que a cercam, e sua coerência existencial exige que ela busque sempre refúgio no seu interior, afastando-se da influência do meio em que vive:

Tudo que é forma de vida procuro afastar. Tento isolar-me para encontrar a vida em si mesma. No entanto apoiei-me demais no jogo que distrai e consola e quanto dele me afasto, encontro-me bruscamente sem amparo (LISPECTOR, 1997, p. 81).

O homem é condenado a ser livre e nessa obrigação de escolha, é prerrogativa dele se negar a escolher, o que também é uma escolha. Quando se nega a escolher um dos possíveis, ele age de forma inautêntica.

A essência da existência do para-si é exercer a prerrogativa de liberdade do homem. Ao homem não cabe o direito de negar sua própria liberdade, mas se mesmo assim desejar negá-la, ele estará se transformando numa coisa e isso configura, para Sartre, uma atitude inautêntica. Recusar a liberdade é negar o principal pressuposto de sua existência humana “a existência precede a essência “. Ao fugir da sua responsabilidade ou negar a escolha de escolher o homem se configura como covarde.

O personagem Otávio, em uma dessas meditações, reflete sobre sua vida, de como ela fora carente de atitudes, de como ele se resignara à covardia:

A covardia é morna e eu a ela me resigno, depondo todas as armas de herói que vinte e sete anos de pensamento me concederam. O que sou hoje, nesse momento? Uma folha plana, muda, caída sobre a terra. Nenhum movimento do ar balançando-a. Mal respirando para não se acordar. Mas por que, sobretudo por que não usar as palavras próprias e enovelar-me, aconchegar-me em imagens? Por que me chamar de folha morta se sou apenas um homem de braços cruzados? (LISPECTOR, 1997, p. 97).

Ao negar a liberdade de escolhas que edificariam a construção da sua história e preferir resignar-se ao determinismo que lhe pesara nos ombros, Otávio agiu de forma inautêntica segundo as premissas do existencialismo sartreano.

Um dos pressupostos que se aplica a condutas consideradas como fuga das prerrogativas da liberdade e contrárias à própria verdade de homem, Sartre chamou de Má-fé ou inautênticas. Em duas passagens do livro de Clarice há exemplos de condutas dessa natureza:

Em uma delas, após o falecimento do pai de Joana, a solução para que não ficasse desamparada foi levá-la para a casa da sua tia. Ficou evidente aos olhos da menina e do leitor que a tia, ao receber a menina em sua casa agiu de maneira “excessivamente bondosa” ao derramar lágrimas e apertá-la fortemente contra o peito a ponto de sufocar e sobrinha com seus seios gigantes. Vimos na conduta da tia um

exemplo de atitude inautêntica, pois ela estava agindo internamente de forma negativa ao representar o papel de ser uma boa tia:

A porta para o interior da casa abriu-se finalmente e sua tia com um robe de flores grandes precipitou-se sobre ela. Antes que pudesse fazer qualquer movimento de defesa, Joana foi sepultada entre aquelas duas massas de carne macia e quente que tremiam com os soluços. De lá de dentro da escuridão, como se ouvisse através de um travesseiro escutou as lágrimas: Pobre da orfãzinha ![...] A tia passava de um movimento para outro sem transição, em quedas rápidas e bruscas. Nova onda de choro rebentou no seu corpo e Joana recebeu beijos angustiados pelos olhos, pela boa, pelo pescoço. (LISPECTOR, 1997, p. 45-46).

Sartre afirma que nessa forma de comportamento de manifesta a má-fe pois o homem nega a responsabilidade de exercer sua liberdade de escolher, de ser algo diferente do que é ou de agir de forma a romper com as convenções a qual está submetido.

Após passar a primeira noite com Otávio, Joana sentia-se saciada, completa, leve e feliz. No entanto, essa sensação de completude repentinamente passou a representar um peso doloroso, difícil de suportar. Como pressupõe a teoria de Sartre houve uma resistência ao envolvimento, um conflito entre a transcendência e a facticidade:

Acordou tarde e alegre. Cada célula imaginava, abria-se, fluorescente. Milagrosamente todas as energias despertadas, prontas para lutar. Quando pensava em Otávio, respirava com cuidado como se o ar lhe fizesse mal. Durante os dias que se seguiram não o viu e nem procurou vê-lo. Evitava-o mesmo como se sua presença fosse dispensável.[...]Atravessava os acontecimentos e as horas imaterial, esgueirando-se entre eles com a leveza de um instante. Mal se alimentava e seu sono era fino como um véu[...]Depois cessou a felicidade. A plenitude tornou-se dolorosa e pesada e Joana era uma nuvem prestes a chover.[...]Caminhou de um lado para o outro, perplexa com a mudança. Como? – perguntava-se e sentia que estava sendo ingênua, aquilo tinha dois lados? Sofrer pelo mesmo motivo que a tornara terrivelmente feliz? (LISPECTOR, p. 112).

Quando age de má-fé, o ser humano se comporta como não sendo o que é, agindo assim ele pressupõe não ser responsável pelos seus atos. Ele justifica as suas ações argumentando que não teve culpa pois sua facticidade lhe impôs limites.

O casal Joana e Otávio discutiam a relação quando já quase nada sobrevivia do seu casamento. Numa tentativa súbita de reavivar as chamas do relacionamento, Joana perguntou ao marido o que acontecia entre eles para que a situação chegasse até aquele limite:

Oh, Otávio, Otávio... - murmurou depois de um instante, as chamas subitamente reavivadas - que nos acontece afinal, o que nos acontece? A voz de Otávio era áspera e rápida quando respondeu: - Você sempre me deixou só. - Não respondeu ela. - É que tudo o que eu tenho não se pode dar. Nem tomar. Eu mesmo posso morrer de sede diante de mim. A solidão está misturada á minha essência... - Não - repetiu ele obstinado, os olhos turvos. - Você sempre me deixou só porque quis, porque quis... - Não tenho culpa - gritou Joana -, acredite... Está gravado em mim que a solidão vem de cada corpo tem irremediavelmente seu próprio fim, está gravado em mim que o amor cessa na morte. (LISPECTOR, 1997, p. 199).

Joana e o marido vivem uma relação conflitante impregnada pelos seus conflitos interiores. Ao mesmo tempo que se amam, se odeiam sem saber explicar o porquê desse sentimento ambíguo. Sua inércia diante da falta de iniciativa para agir é atribuída ao determinismo e ao seu modo de vida. Abrindo mão da liberdade de escolha, adotam um comportamento inautêntico por não assumirem a responsabilidade do rumo que deveriam dar as suas próprias histórias.

A elaboração desse estudo foi um permanente desafio pela riqueza e densidade do tema conferidos, combinado com complexidade da teoria existencialista de Sartre, bem como da biografia e obra da escritora Clarice Lispector. Os resultados comprovaram a validade das pesquisas e do tempo dedicado á compreensão dos aspectos que aproximam a trama do livro *Perto do coração selvagem* a teoria de Sartre. Sinto-me gratificado pela inspiração que o tema despertou e com as perspectiva de que possa também contribuir para que os leitores desse trabalho busquem aprofundar-se nele.

## Considerações finais

Este estudo teve como finalidade principal realizar uma análise de *Perto do coração selvagem*, primeiro romance da escritora brasileira Clarice Lispector à luz da teoria existencialista de Jean Paul Sartre. Inicialmente foi realizada a ambientação com pesquisa sobre a biografia da escritora com objetivo de captar traços que pudessem indicar algum diálogo da sua experiência de vida e a obra que veio a produzir. Nesse objetivo houve êxito pois foram localizados aspectos na sua história de vida pessoal que comprovadamente contribuíram na construção de diversos personagens, com destaque para as infantis. No estudo levado a cabo sobre sua obra, evidenciaram-se que algumas características explícitas ao longo da sua trajetória literária como temáticas do universo infantil e feminino, criação de episódios fragmentados reconhecidamente identificados pelas descrições detalhadas das sensações dos personagens, prevalência de episódios isolados em detrimento a enredos, entre outras.

A obra de Clarice logrou êxito no seu propósito de romper com a tradição literária vigente o que ficou claro nas manifestações dos analistas e críticos literários. A escritora foi bem sucedida na criação de personagens que representavam pessoas de diversos segmentos da realidade social, desajustadas ao ambiente de desenvolvimento tecnológico e social que estava em franca evolução no Brasil. No seu propósito primordial também foi possível comprovar a conexão entre a filosofia sartreana e o romance *Perto do coração selvagem* por meio de autores diversos que presenciaram essas aproximações principalmente nos aspectos da liberdade, angústia e a identificação do Ser com os outros, pressupostos relevantes na teoria existencialista. A par disso, numa análise mais aprofundada foram identificadas na

trama de Clarice, inúmeras passagens e episódios que permitem estabelecer elos de ligação nos campos já mencionados acima como na dimensão da conduta inautêntica ou má-fe, da consciência e do determinismo. Assim, esperamos que o estudo proposto sobre a conexão entre a filosofia existencialista que representou um novo olhar sobre o ser humano a partir da década de 1940 e a obra prima de Clarice Lispector, *Perto do coração selvagem*, tenha contribuído, mesmo que de forma singela, para um melhor conhecimento da nossa literatura.

## Referências

- CÂNDIDO, Antônio. **No raiar de Clarice Lispector in Vários escritos**. 1977. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/253799002/No-Raiar-de-Clarice-Lispector>> Acesso em: 06 Jun. 2016.
- COLÉGIO SANT'ANA. **Felicidade Clandestina – análise comentada**. Disponível em: <<http://www.santanapg.com.br/felicidade.pdf>> Acesso: 27 Mai. 2016.
- COX, Gary. **Compreender Sartre**. Petrópolis, RJ, 3ª Ed., Vozes, 2011.
- JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 3ª Ed. 2001. Disponível em <[http://dutracarlito.com/dicionario\\_de\\_filosofia\\_japiassu.pdf](http://dutracarlito.com/dicionario_de_filosofia_japiassu.pdf)> Acesso: 10 Mai 2016.
- KENNY, Anthony. **Husserl, Heidegger e Sartre**, 2011. Disponível em <<http://criticanarede.com/hhs.html>> Acesso: 15 Mai. 2016.
- LEAL, Rosmery, E. **Os significados da Infância na vida e na obra de Clarice Lispector**. 2011, 50f. Trabalho de conclusão apresentado no Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/31937/000785235.pdf?sequence=1>> Acesso: 24 mai. 2016.
- LISPECTOR, Clarice. **Perto do coração selvagem**. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.
- MOSER, Benjamin. **Clarice**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- NUNES, Benedito. **O Drama da Linguagem: Uma Leitura de Clarice Lispector**. São Paulo, Ática, 1989.
- PINHEIRO, Bernardina, da S. **Um retrato do artista quando jovem**. Disponível em <<http://www.livrariacultura.com.br/p/um-retrato-do-artista-quando-jovem-1769590>> Acesso: 20 Mai. 2016.
- PÓVOAS, Jorge, F. **A má-fé na analítica existencial sartreana**, 2005, 124f, Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em filosofia (Mestrado em Filosofia) na UFBA, para obtenção do título de Mestre em Filosofia. Disponível em <[http://www.ppgf.ufba.br/dissertacoes/Jorge\\_Freire\\_Povoas.pdf](http://www.ppgf.ufba.br/dissertacoes/Jorge_Freire_Povoas.pdf)> Acesso: 05 Mai. 2016.
- SARTRE, J. Paul. **O ser e o nada**. Petrópolis, RJ, 18ª ed, Vozes, 2009.
- SARTRE, J. Paul.; FERREIRA, Vergílio. **Existencialismo é um humanismo**. Lisboa, Portugal, 4ª ed. Editorial Presença, 1970.
- SCHMIDT, Rita. (org) **A ficção de Clarice: Nas fronteiras do (im)possível**, Porto Alegre. Sagra Luzzato, 2003.

SEGATO, Maiara, C.; RODRIGUES, Milton H. **Recepção Crítica em Perto do coração selvagem de Clarice Lispector**. IV CONALI – Congresso Nacional de Línguas em Interação – Múltiplos Olhares, 05, 06 e 07 Jun. 2013. Disponível em <<http://www.dle.uem.br/conali2013/trabalhos/123t.pdf>> Acesso: 25 Mai. 2016.

SILVA, Aline Maria Vilas Bôas da. **A concepção de liberdade em Sartre**. Disponível em <<https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/alinesilva.pdf>> Acesso: 08 Mai. 2016.